



Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
Programa de Mestrado em Letras em Rede
PROFLETRAS



LUCIANA TEIXEIRA DA SILVA LIMA

CADERNO PEDAGÓGICO
SEQUÊNCIA DIDÁTICA:
CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR

Cornélio Procópio-PR
2018

LUCIANA TEIXEIRA DA SILVA LIMA

CADERNO PEDAGÓGICO
SEQUÊNCIA DIDÁTICA:
CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR

Caderno Pedagógico apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Eliana Merlin Deganutti de Barros.

Cornélio Procópio - PR
2018

Caderno Pedagógico

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR

CADERNO DO PROFESSOR

LUCIANA TEIXEIRA DA SILVA LIMA

CARO PROFESSOR, o presente Material Pedagógico é resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional –PROFLETRAS – desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. O objetivo principal é produzir e um caderno pedagógico destinado a professores e alunos do 8º ano do Ensino Fundamental conduzido pelo subgênero textual “Carta-argumentativa do leitor”, utilizando a metodologia das sequências didáticas de gênero (SDG) criada pelos pesquisadores filiados ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), entre eles, Bronckart (2009), Dolz e Schneuwly Dolz (2011). Para melhor esclarecer sobre esse subgênero, trazemos, primeiramente, uma síntese de uma pesquisa bibliográfica, seguida de análises que buscam depreender as principais características desse subgênero, sob o ponto de vista contextual, discursivo e linguístico-discursivo. Tal análise foi feita com base em um *corpus* significativo de cartas do leitor, processo esse nos revelou, a princípio, cinco subgêneros da carta do leitor, os quais classificamos e denominamos em: **1) Carta-resposta do leitor; 2) carta-denúncia do leitor; 3) Carta-colaborativa do leitor; 4) Carta-comentário do leitor e 5) Carta-argumentativa do leitor.** Para a elaboração da sequência didática, optamos pelo subgênero **Carta-argumentativa do leitor**, para tanto, após os quadros analíticos, trazemos um esquema com a síntese do modelo didático desse subgênero, que busca visualizar as suas dimensões ensináveis, além da Sequência Didática organizada em oficinas. Segundo Dolz e Schneuwly (2011, p. 43), a SDG é “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”. Tal metodologia é fundamentada na ideia de que todo o processo de comunicação, seja oral ou escrito, sistematicamente pode ser ensinado pela escola, para tanto, é preciso instaurar uma relação entre o aluno e as diversas práticas de linguagem existentes, para que esse possa delas se apropriar para mobilizá-las socialmente. “Elas [as SDG] buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p.43).



Professor, antes de iniciar um processo de *transposição didática* (CHEVALLARD, 1989) de um gênero textual é de extrema importância conhecê-lo. Para tanto, trazemos a seguir a fala de pesquisadores e especialistas do gênero “carta do leitor”, bem como o resultado da análise de um *corpus* do subgênero carta-argumentativa do leitor, com suas características contextuais, linguísticas e linguístico-discursivas, a fim de delinear as suas potenciais dimensões ensináveis.



Sobre a carta do leitor: o que dizem os especialistas?

Os jornais e revistas são de grande importância na era da informação, pois são veículos de comunicação para diversas atividades, dentre elas as duas mais importantes, segundo Alves-Filho (2011), são a divulgação da informação e a expressão de opinião. Nesse contexto, ainda segundo o autor, há três atores sociais são muito importantes: os jornalistas, os colaboradores e os leitores. Cada um deles tem suas funções e se utilizam de determinados gêneros direta ou exclusivamente. Para ele, “Jornalistas incumbem-se de notícias, reportagens, editoriais e colunas; colaboradores encarregam-se de artigo de opinião. E o gênero de responsabilidade dos leitores é a **carta de leitor** [...]” (grifo nosso) (ALVES-FILHO, 2011, p. 17).

Neste sentido, entendemos a carta do leitor como um gênero textual ligado à vida cotidiana dos cidadãos comuns e uma forma de participação nas atividades comunicativas da sociedade, não sendo o leitor um mero receptor de informações trazidas pelo jornal, uma porta aberta para o exercício da cidadania.

De acordo com Santhiago (2005), as primeiras cartas do leitor foram publicadas, no Brasil, pelos jornais *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo* (então denominada *Folha da Manhã*). Nessa época, as correspondências eram publicadas “cortadas, enxertadas de discursos do jornalista, destacadas por recursos gráficos como aspas, negritos, reticências, antes de transcrever o texto do leitor” (CHAPARRO, 1987, 73 *apud* SANTHIAGO, 2005, p. 3). Já no caso da *Folha de São Paulo* as cartas eram publicadas na íntegra, sem a intervenção do jornalista. No entanto, nas décadas da intervenção militar (anos de 60 e 70), devido à exigência de censores na redação, alguns jornais deixaram de publicar essa seção, outros publicavam apenas cartas que não se manifestavam contrários ao regime.

Após o fim do Regime Militar, ainda de acordo com Santhiago (2005, p.3), o leitor volta a ter um espaço expressivo nos meios e “hoje, a seção é quase obrigatória nas publicações, fazendo parte de revistas, jornais, boletins e até mesmo de sites da Internet”.

A carta do leitor é um gênero específico da imprensa, revistas ou jornais, e na prática jornalística pode receber várias denominações: “carta do leitor, painel do leitor, tribuna do leitor e até carta ao editor” (OLIVEIRA; ZANUTO, 2017, p. 275). Geralmente, é parte de seções fixas de revistas e jornais, que podem receber diversos nomes: “espaço do leitor”, “opinião”, “fala do leitor”, etc. Essa seção é reservada à correspondência de leitores para expressar suas opiniões, podendo, assim, o autor da carta do leitor posicionar-se sobre fatos socioculturais de seu mundo social e matérias já publicadas naquele veículo de comunicação (cf. BEZERRA, 2002; ALVES-FILHO, 2011; MELO, 1999; COSTA, 2005).

Segundo Fontanini (2002, p.227), as “Cartas ao editor, um gênero da mídia impressa, são espaços destinados, em revistas ou jornais, aos leitores para que possam expressar pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre matérias publicadas”. Bezerra (2002, p. 210) tem uma visão mais aberta em relação às cartas do leitor. Segundo a autora, elas servem a diversos propósitos comunicativos, como: “opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros”. Para a autora, a carta do leitor é um subgênero de um gênero maior, a carta, devido a suas semelhanças básicas estruturais e considerando que temos diferentes classificações de cartas, dependendo do domínio em que circulam e de seu objetivo: carta pessoal, carta comercial, carta ao leitor, carta do leitor, carta circular, entre outras.

Mello (2008, p. 1952), assim como Bezerra (2002), classifica a carta do leitor como um subgênero do gênero epistolar “carta”:

[...] todos esses subgêneros têm em comum alguns elementos paratextuais, além de sua função comunicativa, que é dirigir-se a um interlocutor, geralmente explicitado no texto, a fim de agir sobre ele de diferentes formas. Isso permite que os enquadremos no gênero carta (discurso epistolar) (MELLO, 2008, p. 1952).

Nesse sentido, Melo (1999, p. 14) afirma que a carta do leitor é “um gênero complexo, muito amplo, incluindo uma diversidade de textos e de propósitos nela encontrados”. Para Alves-Filho (2011), a carta do leitor atende a propósitos comunicativos que servem tanto para o leitor quanto para o jornal ou revista, sendo assim, um gênero bastante significativo tanto para o leitor quanto para a imprensa:

Do ponto de vista do leitor: Recorrer às empresas jornalísticas para estas lhe servirem de porta-voz diante do poder público. [...] Participar mais ativamente do mundo em que vivem através da expressão de opinião e da discussão de assuntos da atualidade. [...] Fiscalizar e criticar os próprios jornais, contribuindo para que os outros leitores possam refletir sobre o papel da imprensa. [...] Do ponto de vista dos jornais e revistas: Manter um relacionamento constante e fiel com os leitores, contribuindo para fazer uma propaganda indireta dos jornais. [...] Estabelecer interação entre leitores e clube de leitores. (ALVES-FILHO, 2011, p. 131-134)

Aliando-se com essas ideias, Costa (2005) entende que a carta do leitor é um termômetro que afere o grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais e revistas, pois os leitores escrevem reagindo, positiva ou negativamente, ao que leram; além de propiciar a interação entre leitor e jornal/revista, dando a esses uma ideia das expectativas daqueles em relação à linha editorial. A autora ressalta que a carta do leitor constitui, sobretudo, um dispositivo eficaz de divulgação de problemas nos quais, muitas vezes, pessoas defendem-se de serviços mal prestados ameaçando denunciar seus responsáveis ao “escrever para os jornais”. Assim, a carta do leitor pode apresentar também um teor de queixa, crítica e/ou denúncia.

Sendo a carta do leitor um gênero produzido precisamente pelo leitor, é um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre emissor e destinatário (BEZERRA, 2002; MELO, 1999) que não se conhecem, portanto, é

característica do gênero a identificação da autoria, de quem assume a responsabilidade legal de seu conteúdo.

Uma característica também a se destacar são as formas discursivas de representação dos interlocutores da carta do leitor. Mello (2007) ressalta que as cartas têm dois interlocutores: um direto e um indireto. O primeiro consiste na própria revista ou jornal e, o segundo, nos seus respectivos leitores, já que as cartas são escritas para serem publicadas (mesmo que não o sejam).

Por exemplo, quando um leitor tem como projeto de comunicação posicionar-se em relação a um artigo publicado na revista, dirigindo-se diretamente ao articulista, ao ser publicada na revista e lida pelo público-alvo desta, a carta desse leitor não produzirá o mesmo efeito, podendo ter como fim ilocutório obter a adesão dos leitores da revista à tese defendida pelo autor da carta. Podemos dizer que um locutor 1 escreve a um interlocutor 1 e, ao publicar a carta, o locutor intermediador (2) passa a ser a revista, que publica a carta tendo como sujeito-alvo os leitores do periódico (interlocutor 2) (MELLO, 2007, p. 1953).

A linguagem empregada na carta do leitor é bastante variada, pois se adequa ao público leitor e ao órgão de publicação. Para Köche et. al. (2014), a linguagem empregada é normalmente simples, com vocabulário fácil e sintaxe clara, mas pode assumir outros níveis conforme a especificidade da revista e do público-alvo (idade, formação, nível social, cultural e econômico). Para ilustrar, os autores citam a revista *Exame*, ressaltando que os autores das cartas dessa revista não utilizarão a mesma linguagem que os leitores da revista *Contigo*, por exemplo.

Coadunando com essas ideias, Coelho e Costa-Hübes (2015) observam que o estilo de linguagem pode variar de acordo com o público-leitor. As autoras citam Cecílio e Ritter (2009) que estabelecem um paralelo entre a linguagem utilizada na revista *Ciência Hoje Criança* (público leitor infantil) que apresenta “construção de períodos curtos, simples e menos elaborados, os quais assinalam a linguagem espontânea das crianças, escolha lexical e avaliativa, linguagem informal e uso de vocativos” (CECILIO e RITTER, 2009, p. 2068 *apud* Coelho e Costa-Hübes, 2015, p. 320) e as revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, de grande circulação nacional (público leitor adulto), em que a produção exige formalidade tanto na apresentação de dados

(assinatura, identificação, endereço, número de telefone e da identidade) como formalidades linguísticas e enunciativas.

Outro fator a se destacar em relação a esse gênero é que nem toda a carta do leitor é publicada, pois as cartas, ao chegarem à edição, são selecionadas e adequadas de acordo com as especificidades da revista ou jornal. Conforme destacam Alves-Filho (2011) e Bezerra (2002), as cartas podem ser resumidas, parafraseadas, ter informações eliminadas, por isso os autores dizem que a carta do leitor é feita, normalmente, em co-autoria com o editor do jornal/revista. No entanto, mesmo sofrendo essas modificações, as cartas não perdem seu propósito comunicativo, conforme afirmam Coelho e Costa-Hübes (2015, p. 323): "Mesmo com algumas modificações, após passar pelo processo de edição, o texto promove a interação entre os interlocutores e abre o diálogo para outros assuntos de interesse da sociedade [...]".

Como já mencionado, a carta do leitor pode apresentar propósitos comunicativos diferenciados, o que leva muitos pesquisadores a subclassificá-la (dependendo da filiação teórica, pode-se tomar essas classificações por categorias, subgêneros, tipos, modalidades...). Santhiago (2005), por exemplo, classifica a carta do leitor em três grandes grupos que se caracterizam e se distinguem principalmente pelo objetivo a ser atingido: 1) direito de resposta; 2) carta-opinião; 3) carta-manifestação.

O primeiro grupo, *direito de resposta*, comporta cartas, de acordo com o autor, "de pessoas ou empresas citadas em artigos ou reportagens publicados em edições anteriores da revista". O segundo grupo, *carta-opinião*, são as cartas em que os leitores se manifestam de forma clara e direta à revista sobre uma publicação específica de edições passadas.

Nele [grupo *carta-opinião*], a reação do leitor - seja de aprovação, desaprovação, estranhamento etc., - à revista ou aos profissionais que nela trabalham, é propositadamente explícita. Ela dá conta de sete subcategorias, elencadas de acordo com sua proporcionalidade, a saber: a) elogios: predominantes e manifestados de formas bastante diversas; b) críticas: sempre direcionadas a alguma matéria ou posicionamento, e nunca à publicação em sua totalidade; c) sugestões; d) correções; e) solicitações; f) sobre a seção: cartas que tratam de outras correspondências do público

anteriormente publicadas; g) outros casos. (SANTHIAGO, 2005, p. 7).

E, por fim, a *carta-manifestação*, que, de acordo com o autor, é preenchida pelas correspondências de leitores que se manifestam sobre temas tratados pela revista em edições anteriores, sem referência direta ao tratamento dado pela mesma. Sobre esse grupo, Medeiros (2009) afirma que é o que mais se distancia das características da carta do leitor, pois não faz uma referência à matéria anterior. Para a autora, esse tipo de carta se assemelha mais com a estrutura do artigo de opinião, “em que o autor tem como principal objetivo expressar seu ponto de vista sobre um tema atual, em discussão na sociedade” (MEDEIROS, 2009, p. 65).

Ainda para Medeiros (2009, p. 66),

Apesar de haver subdivisões no gênero carta do leitor, pode-se perceber, geralmente, uma intenção persuasiva como ponto de interseção entre essas subdivisões, pois esse gênero, também chamado de carta argumentativa do leitor, exerce uma função social calcada na liberdade de expressão e opinião tanto individual, quanto coletiva. A imprensa, canal que presa pela liberdade de informação e de manifestação de pontos de vista, pelo menos teoricamente, tende a abrir espaço ao leitor para que ele se manifeste, o que comprova a função sócio-comunicativa do gênero. Além disso, pode-se perceber a consciência que o falante da língua naturalmente (por meio de sua experiência dentro da sociedade) tem dessa função, pois mesmo sem o conhecimento teórico das formas e estruturas, ele reconhece suas funções e gênero na sociedade e faz uso delas.

De acordo com o agrupamento de Dolz e Schneuwly (2011, p.52), a carta do leitor é um gênero representativo do discurso argumentativo, tendo como domínio social e capacidade discursiva de linguagem dominante a sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.

Coadunamos com as ideias de Dolz e Schneuwly (2011), entretanto, ao adentrar as pesquisas de autores que já se debruçaram no estudo desse gênero – como Bezerra (2002), Santhiago (2005), entre outros autores – percebemos que as cartas do leitor, embora, de forma geral, pertençam ao domínio argumentativo, também podem caracterizar-se por outros atos discursivos, como solicitações, sugestões, elogios, agradecimentos, etc., e, portanto, podem assumir outras representações discursivas, como relatar ou expor.

Como vemos, a carta do leitor pode se apresentar com “máscaras” distintas, a depender do seu propósito comunicativo, do seu referente, etc. Dessa forma, antes de partirmos para a seleção do corpus de análise – passo seguinte para sua modelização – realizamos uma pesquisa exploratória a fim delimitar os tipos de cartas do leitor existentes de acordo com seu propósito comunicativo, os quais categorizamos como subgêneros.



É hora de explorar o gênero textual “carta do leitor”!

Ao explorar exemplares da carta do leitor desse *corpus* inicial constatamos, assim como alguns autores trazidos na nossa pesquisa bibliográfica, que esse gênero possui propósitos comunicativos muito diversificados, gerando, assim, singularidades na sua discursividade. Conforme afirma Alves-Filho (2011, p. 21), “entender que os gêneros possuem dinamismo é importante para se perceber que eles se incorporam às situações vividas pelos seres humanos, muitas vezes servindo como respostas às necessidades comunicativas das pessoas”.

Desse fato surgiu a necessidade de delimitar *subgêneros* (KINDERMANN, 2017) para a carta do leitor. *Subgênero* é definido como uma espécie de subproduto do gênero de referência do qual se vincula. É uma configuração genérica mais específica em relação ao gênero “guarda-chuva”. Alguns autores tratam como “tipos de gêneros”, porém, para não sobrepormos à definição de tipos textuais, o conceito de subgêneros parece-nos mais produtivo.

A necessidade de distinguir subgêneros se dá pelo fato de os gêneros de texto tradicionais, que têm rotulações já consolidadas como a carta do leitor, estarem cada vez mais se diluindo, assumindo propósitos diversos, porém, sem perder a finalidade maior que os une – a carta do leitor não deixou de ter como norte o diálogo entre leitores de veículos jornalísticos, porém, esse diálogo passou a ter finalidades específicas, como veremos aqui.

Verificamos que nem todas as cartas do leitor podem ser classificadas no domínio do argumentar. Sendo assim, aderimos ao conceito de *subgêneros* para classificar as cartas encontradas na pesquisa exploratória e delimitar o objeto de

ensino que conduziria a nossa intervenção didática focada no ensino da leitura e escrita argumentativa.

Sendo assim, diante das evidências levantadas na pesquisa exploratória, fizemos uma classificação das cartas do leitor constantes em nosso *corpus* em cinco subgêneros, os quais definimos e exemplificamos a seguir.

1) Carta-resposta do leitor. Por cartas-resposta do leitor consideramos aquelas em que os leitores opinam sobre uma publicação específica do jornal ou revista, fazendo referência explícita ao texto publicado naquela instituição, a fim de criticar positiva ou negativamente o conteúdo, posicionar-se sobre o tema abordado, elogiar a iniciativa da publicação, ampliar a discussão do texto citado, contrapor ou coadunar ideias, etc. Portanto, podemos fixar duas características básicas desse tipo de carta: a referência explícita e a temporalidade; tendo em vista que essas cartas são publicadas para dialogar com uma publicação anterior, assim, o tempo é fundamental e significativo para não perder o contexto da ação comunicativa.

É importante também colocar que são cartas que aparecem com bastante frequência tanto em revistas como jornais. São os modelos mais recorrentes que encontramos, pois atendem, além dos propósitos comunicativos do leitor, os do próprio veículo de comunicação, pois para ele a resposta do leitor ao que o jornal/revista está publicando configura-se como uma espécie de publicidade. Esse subgênero também atende ao propósito de “estabelecer interação entre leitores e clube de leitores [...] quando os leitores polemizam ou manifestam apoio e concordância entre si” (ALVES-FILHO, 2011, p. 134).

Exemplo de carta-resposta do leitor

‘Passeatinha’?

Ironicamente o leitor Manoel J. Rodrigues (Opinião,9/12) pretende ridicularizar as pessoas que participam das manifestações de rua, diminuir a importância e a dimensão dessas passeatas, além de ser contrário à utilização das redes sociais para botar pressão nos políticos. Talvez, por não querer se envolver nesses movimentos que reivindicam ética e honestidade dos nossos governantes e faltar-lhe disposição para praticar a cidadania, se juntando aos protestos contra a desordem política que se abateu sobre o País, ele não está conseguindo fazer a leitura da repercussão e do alcance real do grito da população para soerguer moralmente a Nação. A pressão popular vale sim, e muito, sr. Rodrigues. Isso faz tremer políticos e agentes públicos. Já conquistamos vitórias através das manifestações e o grito dos brasileiros nas ruas. Foi assim, ouvindo o clamor de milhões de vozes das passeatas, que os parlamentares votaram o impeachment de Dilma Rousseff. É com o apoio substancial da população que a Operação Lava Jato está sendo cada dia mais fortalecida. E será, desse modo, que a sociedade vai conseguir passar o Brasil a limpo. Mesmo que a defenestração de Renan Calheiros ainda não tenha ocorrido desta vez, as manifestações do último dia 4 foram úteis, despertaram a necessidade de alguma providência e incomodaram nossas autoridades. Quanto à surreal citação “bananas de pijamas é o símbolo do Brasil”, ele demonstrou ser extremamente mal informado. Por certo, pretendesse rotular pejorativamente o Brasil como uma “república das bananas”.

LUDINEI PICELLI (administrador de empresas) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 14/12/2016.

2) Carta-denúncia do leitor. Cartas em que o leitor traz uma reclamação em relação a uma situação ou fato do seu meio social, solicitando publicamente a resolução do problema (de forma explícita ou implícita). Ou seja, o objetivo é denunciar um fato ou situação social que o leitor considera problemático, de forma aberta, para que, indiretamente, a reclamação possa chegar aos interlocutores que podem dar uma solução para o problema. Esse fato pode ser um problema da comunidade local ou da cidade/região. As cartas-denúncia do leitor são cartas prototípicas do jornal e não de revistas de grande circulação.

Exemplo de carta-denúncia do leitor

Caixas eletrônicos, que maravilha!

Tenho uma conta poupança em uma agência do Banco do Brasil, onde são depositados meus míngados ganhos pela aposentadoria. Sempre que vou a um caixa eletrônico da agência em questão, principalmente em horários fora do expediente, é um verdadeiro parto tentar acessar minha conta. Seja pela identificação biométrica ou numérica, raramente consigo. Outros usuários têm a mesma queixa, o que torna então um problema perene e pelo menos geral. Estaria o BB em tal penúria que não pode adequar seus caixas à modernidade? Ou simplesmente se trata de menosprezar a clientela e colocar-se acima das conveniências imprescindíveis ao cidadão brasileiro? Ou ainda é mais um caso de estatal afetada pelo efeito PT?

RUBENS ROMAGNOLLI (engenheiro civil) - Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 14/12/2016.

3) Carta-colaborativa do leitor. Cartas em que o leitor colabora com a seção da revista enviando histórias, perguntas, sugerindo matérias para a revista de assuntos de seu interesse que poderão ser publicados nas edições seguintes, denominamos “cartas do leitor colaborativa”. Esse tipo de carta é encontrado com mais frequência nas revistas *teens*. Nessas revistas, é possível perceber que os leitores são incentivados a participar ativamente, sugerindo temas, pautas para serem exploradas pelo veículo. A linguagem utilizada é bastante informal, o que passa a ideia de o leitor estar participando de uma reunião de pauta.

Exemplo de carta-colaborativa do leitor

Das leitoras pra tt

"Vim parabenizar e agradecer o trabalho de vocês, amo todas as edições. Também peço que falem ainda mais sobre o Zé Felipe! Sou fã e sempre guardo os posters. Um beijo!", **Thais Aparecida, Jundiaí (SP)**
 – Oi, Tha! Muito obrigada pelo carinho. Pode deixar que a sua sugestão está mais do que anotada – o Zé Felipe está sempre inspirando o pessoal da redação também. Muitos beijos!

Fonte: Revista *Todateen* – Fevereiro/2017.

4) Carta-comentário do leitor. Cartas em que os leitores se posicionam sobre um tema social que está em alta, mas sem fazer referência específica a uma matéria jornalística publicada. Os temas podem surgir tanto da realidade pessoal do leitor, quanto de temas que estão em alta naquele momento ou que são debates e discussões recorrentes na sociedade. Essas cartas apresentam comentários, dão opinião sobre um tema, mas sem tomá-lo como polêmico ou controverso, não exigindo, assim, um posicionamento que deva ser defendido por meio de argumentos. O texto é motivado por uma questão problemática que necessita de aprofundamento, de explicações. Há inserção de opiniões sobre o assunto, mas sem uma postura de defesa de ponto de vista. Verificamos que nessas cartas é comum a abordagem de temas filosóficos como a religião, patriotismo e união, piedade, bondade e fraternidade, adoção, otimismo. Os textos se estruturam por uma sequência explicativa e não argumentativa. Caracterizam-se mais como uma reflexão sobre um tema do que por uma defesa de um ponto de vista.

Exemplo de carta-comentário do leitor

Sentido do Natal
 Dezembro e novamente está chegando o Natal. Desde novembro, os shoppings e comércio se preparam para esta data. Vejo decorações, luzes e papai noel, mas não vejo as imagens que representam esta data: o presépio. Muitos desejam que Jesus renasça nos corações, mas penso que devemos desejar que Jesus que nasceu e foi menino e veio trazer a nós a manifestação do Pai e o Seu Reino, viva em nós na ressurreição que passa pela cruz do compromisso/doação. Vivemos o Natal do consumo e não passamos a ter/fazer o verdadeiro sentido do Natal que é o abraço, amor, perdão, misericórdia, partilha (...). Que todos os homens e mulheres do bem e do amor, vivam a cada dia o Natal da luz do aniversário de Cristo – Shekinah – Emanuel – Deus desceu do céu. Que assim seja, paz e bem.
 JUAREZ ARNALDO FERNANDES (consultor) - Londrina

Fonte: *Folha de Londrina*, 17 e 18/12/2016.

5) Carta-argumentativa do leitor. Assim como as cartas-comentário, nas cartas-argumentativas do leitor os autores-leitores se posicionam sobre um tema social que está em alta, mas sem fazer referência específica a uma matéria jornalística publicada. A diferença é que esse tema é representado como polêmico/controverso e não somente problemático. Por representarem o tema como polêmico, o leitor-autor precisa se posicionar e defender um ponto de vista ancorando-se em argumentos e contra-argumentos, simulando, assim, um debate retórico. O leitor-autor faz um debate e implica implicitamente ou explicitamente o seu interlocutor. Os textos são desenvolvidos pela sequência argumentativa, cuja função é buscar convencer o leitor de que a opinião defendida é a mais válida. Para tanto, o autor da carta lança mão de vários recursos para fortalecer sua argumentação, seja por meio de exemplos, constatações, vozes de autoridades e escolhas léxicas que impactam seu leitor a uma mudança ou tomada de posição.

Exemplo de carta-argumentativa do leitor

Armas: perigo ou segurança?

Hoje muitas pessoas discutem a legalização das armas. Alguns dizem que possuir uma arma significa ter proteção; outros que isso pode gerar violência descontrolada e, conseqüentemente, perigo à população. Na minha opinião, as armas não deveriam ser legalizadas, pois todos poderiam ter contato com elas (antes de possuir uma arma legalizada é feita uma avaliação do possível portador, porém, no Brasil essas avaliações não acontecem corretamente). Além disso, a segurança da população deveria estar “nas mãos” do Estado. A solução não é legalizar as armas, e sim investir em segurança e na base das grandes potências mundiais: a educação.

ANDRÉ AKIRA MURAOKA (estudante) – Londrina

Fonte: Jornal Folha de Londrina, 14/06/2017.



É preciso foco: delimitar e modelizar!

Diante da diversidade encontrada em nossa pesquisa exploratória, entendemos que trabalhar com a diversidade genérica é importante para o aluno ter uma visão ampla da prática social em que a carta do leitor está inserida, porém, é preciso delimitar um modelo de gênero que sirva como pilar para a sua produção

textual. Portanto, selecionamos um subgênero para a proposta didática. Sendo assim, para conduzir o processo de intervenção didática proposto neste Material pedagógico, escolhemos o subgênero da carta do leitor que denominamos “**carta-argumentativa do leitor**”. Nossa escolha por esse subgênero é motivada por entendermos que é de extrema importância o ensino e aprendizagem da argumentação aos alunos desde cedo, como os documentos norteadores do ensino prescrevem.

Para os PCN de Língua Portuguesa o ensino dessa disciplina deve organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de:

Valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário (BRASIL, 1998, p. 42).

Ainda, de acordo com o documento,

[...] o domínio do diálogo na explicitação, discussão, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento da atitude de autoconfiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro (BRASIL, 1998, p. 46).

No estado do Paraná, as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2009) apontam que:

É preciso que o aluno se envolva com os textos que produz e assumo a autoria do que escreve, visto que ele é um sujeito que tem o que dizer. Quando escreve, ele diz de si, de sua leitura de mundo [...] A produção escrita possibilita que o sujeito se posicione, tenha voz em seu texto, interagindo com as práticas de linguagem da sociedade. (PARANÁ, 2009, p. 56).

Consideramos que os documentos oficiais estão, portanto, engajados na orientação para a formação de cidadãos capazes de se posicionar, colocar, de forma respeitosa o seu ponto de vista, dar respostas consistentes. Para tanto, coadunamos com Dolz (1993) que defende que o ensino da argumentação deve ser feito desde os anos iniciais da vida escolar, em razão de sua frequência nas interações sociais diárias (na família, na escola, no trabalho, etc.) e também porque somos, a todo o

momento, produtores ou receptores de discursos argumentativos, tanto orais quanto escritos.

Portanto, estudar gêneros dessa natureza significa desenvolver nos alunos capacidades para defender um ponto de vista, além de capacidades inerentes à própria prática comunicativa, como a de produção da palavra, escuta do outro, intervenções no discurso. Outro ponto crucial a ser desenvolvido por meio do trabalho com argumentação em sala de aula é o olhar individual: o aluno será capaz de se situar, de tomar posição, de ponderar, de discernir e de ver a si, enfim, de construir a sua identidade. Entendemos que, além de proporcionar mais chances de sucesso aos alunos na produção deste tipo de texto ao término do ensino médio, certamente facilitará o desenvolvimento de uma postura crítica, possibilitando aos alunos refletirem sobre temas polêmicos que fazem parte da sociedade contemporânea.

Sendo assim, para o nosso *corpus* de análise da modelização do subgênero “carta do leitor argumentativa”, selecionamos sete cartas publicadas no Jornal *Folha de Londrina* e as analisamos buscando suas regularidades contextuais, discursivas e linguísticas, tendo como suporte o quadro de perguntas diretivas esquematizado por Barros (2012) a partir das categorias de análise textual propostas por Bronckart (2009) – por representar o grupo do ISD, nossa fonte de pesquisa.

Corpus da pesquisa analítica da carta-argumentativa do leitor		
Anexo	Título da carta	Fonte
01	“Corrupção, doença incurável”	Folha de Londrina, 24/06/17
02	“Política brasileira falida”	Folha de Londrina, 26/05/17
03	“Verba para escolas de samba”	Folha de Londrina, 06/06/17
04	“Indícios veementes”	Folha de Londrina, 29/06/17
05	“Armas: Perigo ou segurança?”	Folha de Londrina, 14/06/17
06	“Democracia tem limites!”	Folha de Londrina, 01/06/17
07	“Cotas”	Folha de Londrina, 17/06/17

Entendemos que o trabalho com a carta-argumentativa do leitor em sala de aula é de extrema valia para nossos alunos, sendo uma oportunidade de exercerem criticamente sua opinião, e buscar a possibilidade de publicação num espaço propício e voltado para tal finalidade. Acreditamos que esse gênero é capaz de proporcionar atividades de ensino interativas, além de possibilitar a discussão de

temas da atualidade e incentivar a adoção de postura crítica diante dos fatos. Dessa forma, os educandos podem se colocar como verdadeiros interlocutores e concretizar práticas de leitura e escrita diversas.

Em sala de aula, a carta-argumentativa do leitor pode, além de contribuir para a formação do leitor e de um produtor de texto crítico, uma vez que, para a sua produção, exige do aluno o conhecimento e aprofundamento de um tema de referência, ser suporte para a aprendizagem das marcas linguístico-discursivas que caracterizam o gênero/subgênero.

A seguir, trazemos a síntese com as principais características da carta-argumentativa do leitor, construído com base no esquema de perguntas criado por Barros (2012), a partir das categorias de análise textual do ISD.



Síntese da modelização teórica da carta-argumentativa do leitor

Capacidades de ação: características contextuais

- ✓ Prática social: Diálogo explícito entre um leitor/agente-produtor, um veículo de comunicação e seus leitores, em que primeiro escreve para um jornal/revista a fim de opinar sobre um tema polêmico de sua realidade social.
Ex: Corrupção (Anexos 3 e 6), Legalização do porte de armas (Anexo 7); Cotas (Anexo 8)
- ✓ Subgênero escrito, de caráter argumentativo: visa expor publicamente um ponto de vista (tese)(DOLZ; SCHNEUWLY, 2011)– explícito ou implícito - sobre um assunto polêmico e defendê-lo por meio de argumentos e contra-argumentos. É um subgênero que se assemelha com o artigo de opinião (MEDEIROS, 2009).
Ex: As cartas 5 e 6 (anexos 7 e 8) que apresentam ponto de vista explícito e as cartas 1, 2, 3,4 e 7 (anexos 3, 4, 5, 6 e 9) que apresentam ponto de vista implícito.
- ✓ Esfera de comunicação jornalística: esfera veiculada a notícias, reportagens, editoriais, artigo de opinião, etc. que publica assuntos de interesse público (ALVES-FILHO, 2011).
- ✓ O emissor: A pessoa física, cidadão comum, que escreve e assume o papel social (enunciador) de um cidadão ativo e participativo na sociedade, e tem por objetivo expor sua opinião em relação a um tema que o incomoda ou agrada (cf. MELO, 1999; BEZERRA, 2002; FONTANINI, 2002; COSTA, 2005). Exemplos: Cidadão indignado com a corrupção (anexo 3), cidadão decepcionado com a política e que clama e sugere mudanças (anexo 4), cidadão que opina sobre os investimentos públicos (anexo 5), cidadão que se posiciona com relação ao julgamento e condenação de uma personalidade política, um possível crime de corrupção (anexo 6), Cidadão que se posiciona sobre um tema polêmico discutido na sociedade (anexos 7 e 9), cidadão que se posiciona contrário a manifestações públicas que apresentam atos de violência e destruição do patrimônio público (anexo 8).
- ✓ O discurso do enunciador dirige-se a três receptores em potencial: ao editor do jornal, ao público leitor geral do jornal e aos opositores da sua tese. De alguma forma, essas três instâncias enunciativas são representadas pela fala do agente-produtor.
- ✓ O receptor institucional 1 – editor do jornal - assume o papel social de alguém que tem o poder de selecionar, resumir, parafrasear o texto original encaminhado à edição jornalística; assumindo, assim, uma posição de co-autoria do texto – pelo menos essa é a representação do enunciador na hora da escrita da carta, já que nem todas as cartas são publicadas, e as que são podem passar por ajustes para se enquadrar no padrão proposto pela instituição (cf. ALVES-FILHO, 2011; BEZERRA, 2002; COELHO; COSTA-HÜBES, 2015; O receptor 2 – público leitor em geral – é alguém que se interessa pelo assunto exposto e que poderá se posicionar favorável ou contrário ao ponto de vista do enunciador. E, por fim o receptor 3 – Opositor da sua tese – O possível leitor que tem uma posição contrária ao ponto de vista defendido pelo enunciador.
- ✓ O conteúdo temático é variado e atual, sempre se referindo a questões sociais polêmicas, pelo menos tomadas como polêmicas pelo agente-produtor.
- ✓ A relação entre enunciador e destinatário é de ordem formal para alguns veículos de comunicação e informal para outros, já que os mesmos são destinados a públicos de local, classe social e idade diferentes (cf. KÖCHE et. al., 2014, COELHO; COSTA-HÜBES, 2015).
- ✓ O subgênero “carta do leitor argumentativa” é de grande valia para a sociedade, pois, para o leitor, é uma oportunidade de expor sua opinião sobre problemas sociais ou posicionar-se em situações polêmicas, podendo assim exercer a sua cidadania; para a

instituição serve também como termômetro para a repercussão do trabalho realizado ou a credibilidade do veículo com fonte de exposição de opinião e temas do interesse público (cf. ALVES-FILHO, 2011; BEZERRA, 2002; COELHO; COSTA-HÜBES, 2015).

- ✓ Suporte: jornais/revistas que circulam por meio impresso ou ambientes virtuais.

Capacidades discursivas

- ✓ *Gênero da ordem do expor argumentativo, pertencente ao discurso misto interativo-teórico (BRONCKART, 2009). Escrito normalmente em primeira pessoa do singular ou plural, o agente-produtor tenta manter um diálogo próximo ao interlocutor e se colocar como parte de uma polêmica onde todos são envolvidos.*

“Podemos, porém, mudar muito com este cenário atual, principalmente, na escolaridade. (Anexo 4)

“Hoje muitas pessoas discutem a legalização das armas. Alguns dizem que possuir uma arma significa ter proteção; outros que isso pode gerar violência descontrolada e, conseqüentemente, perigo à população. Na minha opinião, as armas não deveriam ser legalizadas [...].(Anexo 7)

- ✓ Esquemáticamente, o plano textual geral, apoiando em Bronckart (2009), no protótipo da sequência textual argumentativa, apresenta: premissa, argumentos, contra-argumentos, conclusão (ou nova tese). Nesse sentido, ao analisarmos o *corpus*, encontramos na carta do leitor argumentativa o seguinte plano textual: 1) Título (em alguns casos essa parte é transformada pelo editor); 2) Contextualização: exposição (descrição ou relato) da questão polêmica e premissa (nem sempre explícita) 3) opinião/tese, 4) argumentos e contra-argumentos (podendo variar quanto a argumentação e contra-argumentação); 5) Conclusão (podendo ser feita por síntese ou proposta (nova tese); 6) assinatura; 7) identificação do emissor¹.
- ✓ A extensão textual aproximada deve seguir as orientações específicas de cada instituição (Anexos 1 e 2).
- ✓ O texto é organizado em prosa e sua sequência predominante é a argumentativa, no entanto, cabem também encaixamentos de sequências narrativas ou explicativas quando o autor contextualiza ou expõe os argumentos e contra-argumentos. Exemplo: “No ato realizado em Brasília coordenado e apoiado pelo PT, pro-impeachment do Temer, tivemos queima do patrimônio público e pessoas feridas. Esse ato contou com a tropa de choque do Lula [...]. Lá estiveram também os blackblocks [...]” (anexo 8). No exemplo citado, o autor recorreu à narrativa para marcar temporalmente e contextualizar o assunto sobre o qual iria opinar.

3.3 Capacidades linguístico-discursivas

As retomadas são feitas por pronomes nominais, porém, também são frequentes, sinônimos, nominalizações.

- ✓ Também é comum a utilização de conectivos de ordem lógica, característica do gênero argumentativo, que contribuem para a coesão textual, a conexão do texto (cf. BRONCKART, 2009).

1) “O corrupto é um transtorno para a sociedade, pois[conectivo de ordem lógica – explicação], além de sua atuação maléfica, ele[pronome] arrasta toda a sua quadilha para o fundo do poço”.(anexo 3)

2) Se[conectivo de ordem lógica – condição] o prefeito do Rio de Janeiro cortar mesmo as doações para as escolas de samba [...] em incentivo a festas

¹ Nosso Plano textual global ficou bastante atrelado à sequência textual argumentativa (BRONCKART, 2009), porém as fases não são obrigatórias e nem sequenciais, alguns textos iniciam já na argumentação e apresentam ponto de vista no final, há textos que apresentam algumas fases implícitas, etc.

mundanas. *Se alguém tem que investir em **carnaval**, [...] Como pode um órgão público de um estado falido que não paga o básico aos seus servidores **doar** dinheiro para **festa pagã**? [...]. Querem dinheiro de todos para fazer a **festa de meia dúzia**.* (anexo 5) – Neste caso, o autor utiliza-se de nominalização para a retomada da ideia de doar e doação e dos termos festas mundanas, festa pagã, festa de meia dúzia como sinônimo para carnaval.

- ✓ A ancoragem temporal de referência é o presente (o aqui e agora), uma vez que se deseja opinar sobre algo que está em evidência no agora. A partir dela, caso necessário, o agente-produtor projeta um presente, passado (quando se utiliza de situações/fatos passadas para contextualizar ou argumentar) ou futuro (quando o emissor expõe expectativas e sonhos).

***Hoje**[ancoragem temporal] muitas pessoas **discutem** a legalização das armas. Alguns **dizem** que possuir uma arma **significa** ter proteção; [...] as armas não **deveriam** ser legalizadas, pois todos **poderiam** ter contato com elas [...] essas avaliações não **acontecem** corretamente). Além disso, a segurança da população **deveria estar** "nas mãos" do Estado. A solução não **é** legalizar as armas, e sim investir em segurança e na base das grandes potências mundiais: a educação (Anexo 7).*

- ✓ Constante uso de figuras de linguagem, com maior recorrência de metáforas, comparações e a ironias que são usadas normalmente para argumentar com o objetivo de para fortalecer os argumentos com o objetivo de persuadir o leitor.

1) *"Quando o dinheiro for aplicado no que realmente é preciso e sobrar, aí sim que se doe umas migalhas para algo que nada acrescenta espiritualmente [Ironia][...] Querem o dinheiro de todos para fazer a festa de meia dúzia [Hipérbole]". (anexo 5)*

2) *"O corrupto é como um gafanhoto". [Comparação](anexo 3)*

- ✓ O tom usado no texto pode variar bastante (moralista, descontraído, humorístico, objetivo, de poder), depende da subjetividade e do objetivo do agente-produtor.

- ✓ Encontramos nos textos vozes sociais, que geralmente vêm de onde o autor pertence, grupos sociais, movimentos sindicais, grupos religiosos, profissão, etc.

*"Como pode um órgão público de um estado falido que não paga o básico aos seus servidores doar dinheiro para **festa pagã**?" (anexo3) – Discurso religioso.*

- ✓ Como se trata de textos que exigem sustentação de ideias é possível encontrar citações (vozes de autoridade) de cientistas, filósofos, textos legislativos, etc.

"Segundo o dicionário indício é: aquilo que indica o que, provavelmente, ocorreu ou existiu." (anexo 6)

- ✓ Quanto à pontuação, caracteriza-se pela presença simultânea de unidades características do discurso interativo – o travessão, os pontos de interrogação, dois pontos, exclamação - e do discurso teórico - comumente o ponto final, a vírgula; são sinais bastante recorrentes neste gênero textual, já que é escrito em apenas um parágrafo e caracteriza-se ao mesmo tempo por ser um monólogo e um diálogo direto com o leitor.

1) *Como pode um órgão público de um estado falido que não paga o básico aos seus servidores doar dinheiro para festa pagã? (anexo 5)*

*[...] Poderia alguém ser julgado culpado somente pelos indícios? Bem, segundo o dicionário indício é: aquilo que indica o que, provavelmente, ocorreu ou existiu. Se indícios tão veementes como riqueza injustificável, inclusive de parentes próximos, depoimentos que se encaixam com fotos e fatos, etc. – **para não nos alongarmos** – , não forem indícios probantes [...]. (anexo 6)*



Síntese da modelização didática da carta-argumentativa do leitor

Sequência dominante: Argumentativa

Subjetividade

Conectivos lógicos: mas, pois, ou, se

Uso de modalizadores

Uso de 1ª pessoa singular e plural:

Vamos, sabemos, somos

Diálogo explícito entre leitores: pois bem, você, termos do diálogo oral, marcadores conversacionais, perguntas retóricas com respostas do autor, Trechos de discurso injuntivo (Vamos)

'Ladrão e vacilão'

Título: frase nominal curta

Contextualização e Apresentação da questão polêmica

Posicionamento do autor (implícito)

Contra-argumentação: voz contrária

Contra-argumentação: Refutação por comparação entre bandido pobre e bandido rico.

Contra-argumentos: Voz do outro - explícita

Contra-argumento: Refutação por constatação

Argumento: por hipótese - circunstância pessoal (subjetiva)

Rótulo do destinatário: extrema direita, aqueles que pensam de forma contrária ao autor.

Conclusão por proposta, generalização da tese.

Assinatura, ocupação e Endereço

Vamos falar daquele adolescente que teve carimbado em sua testa "Ladrão e vacilão". Pois bem, 17 anos, dependente químico, pobre, mora na periferia pobre e possui transtornos mentais, segundo familiares e amigos. Você ainda não mudou sua opinião sobre isso? Pois bem, o Brasil está em estado de calamidade não declarado, todos sabemos, somos roubados de cima até embaixo, legalmente e ilegalmente e, ultimamente, a sociedade anda bem calada, convenhamos. Passou a histeria ou cansamos? Bom, mas o que tem isso? A diferença é que não tatuamos na cara desses marginais engravatados pois, justamente, estão engravatados, são elegantes, têm pompa e não são aquele pobre menino vítima de uma doença chamada vício, mal vestido e, talvez, fêido que perambula pelas ruas à procura de algo que o faça aliviar aquela dor da abstinência. É fácil dizer: "Então, leva ele para casa!" ou "Nossa justiça não funciona! Olho por olho, dente por dente!". Não, não levo ele para casa, pois essa responsabilidade não é só minha, é desse Estado falido, é dos pais negligentes, é da sociedade da exclusão! Mas uma coisa lhes digo, se meu filho de 17 anos fosse quimicamente dependente e roubasse um item seja lá de quem for e fizessem o que fizeram com esse adolescente, sem dúvida, os faria pagar legalmente, cada marca permanente que deixaram no meu filho. Aos Bolsonaroistas dessa cidade, mais amor por favor! Olhar para dentro de casa e de si é um treino diário.

RAFAEL ANTONIO
OTAVIANO (servidor público) –
Londrina

Para o desenvolvimento do projeto de escrita, o contexto parte de alunos que convivem com situações rotineiras na escola e que gostariam de expor seu ponto de vista sobre o assunto. Um tema bastante recorrente entre os alunos é *bullying*. A prática social a ser desenvolvida seria de alunos, adolescentes, cidadãos que se posicionam com relação às medidas de combate à prática do *bullying*. Os alunos devem se dirigir aos leitores em geral do jornal *Folha de Londrina* e posicionarem-se favoráveis ao aumento da conscientização ou da punição ao praticante do *bullying*. Para tanto, nosso objeto de ensino é o desenvolvimento de *capacidades de linguagem* para produção de textos do subgênero *carta-argumentativa do leitor* a serem enviados ao *Jornal Folha de Londrina* para possível publicação.

Professor, no presente material, direcionamos as cartas-argumentativas do leitor ao *Jornal Folha de Londrina*, que é o jornal de nossa região, no entanto, você poderá, em seu trabalho, dirigir-se ao jornal de sua região.



Sinopse da Sequência Didática da Carta-argumentativa do Leitor

Após a modelização didática da carta-argumentativa do leitor, para uma visualização da sequência didática que produzimos, trazemos um quadro com uma sinopse que apresenta as oficinas que a compõem, bem como os objetivos, as atividades, tarefas e dispositivos didáticos (DPD) de cada oficina.

Sinopse da SD da Carta-argumentativa do leitor		
Oficinas	Objetivos (para os alunos)	Atividades/tarefas/dispositivos didáticos
Oficina 1 Reconhecendo os gêneros textuais presentes no jornal	- Reconhecer os gêneros jornalísticos - Diferenciar os propósitos comunicativos dos textos presentes no jornal	1) Leitura exploratória de jornais observando os gêneros presentes no Jornal. 2) Escolha de alguns textos presentes nos jornais por grupos de alunos. 3) Leitura dos textos em grupos pelos alunos e apresentados coletivamente analisando os elementos contextuais (contexto histórico, contexto de produção e contexto de circulação) e os propósitos comunicativos de cada texto. 4) Registro na lousa pelo professor dos elementos contextuais e dos propósitos comunicativos. 5) Conclusão por meio de diálogo dirigido junto aos alunos que os jornais são portadores de gêneros textuais com várias finalidades: expor, relatar, anunciar, informar, narrar, criticar, entreter, etc.
Oficina 2: Reconhecendo os gêneros de opinião presentes no jornal	- Reconhecer os gêneros opinativos do jornal	1) Questionamento do professor à turma sobre o propósito comunicativo de opinar. 2) Observação e leitura dos gêneros textuais presentes na página de opinião do jornal <i>Folha de Londrina</i> : editorial, o artigo de opinião e a carta do leitor. 3) Identificação dos interlocutores desses gêneros (contexto de produção e contexto de circulação).
Oficina 3: Tomando contato com cartas do leitor	- Conhecer a carta do leitor e seus diferentes propósitos comunicativos -Reconhecer que a carta do leitor é produzida por leitores que se sentiram motivados a expressar sua opinião	1) Leitura de várias cartas do leitor (DP 1) observando os interlocutores e os propósitos comunicativos (contexto de produção e contexto de circulação). 2) Registro do professor na lousa e dos alunos no caderno.

	frente a algum assunto de sua realidade.	
Oficina 4 Qual é o seu ponto de vista?	- Reconhecer o ponto de vista e a defesa na carta-argumentativa do leitor.	1) Leitura individual e coletiva da carta-argumentativa do leitor “Ladrão e vacilão” (DP 2). 2) Leitura do professor com ênfase na pontuação e entonação. 3) Questionamento do professor sobre como o autor começa o texto, como desenvolve e termina, buscando levar os alunos a refletir sobre a estrutura do texto. 4) Questionamento do professor sobre a finalidade do texto, o ponto de vista defendido pelo autor e como ele defende esse ponto de vista. 5) Sistematização das questões no caderno dos alunos. 6) Questionamento aos alunos: De acordo com o que vimos até agora no jornal, vocês poderiam participar dando a opinião de vocês sobre algum tema? 7) Proposta e explicitação de um projeto de escrita de carta do leitor para ser publicado, a princípio do blog da escola e ao final do projeto no Jornal <i>Folha de Londrina</i> .
Oficina 5 Nem todos pensam iguais: Qual é a polêmica?	- Problematizar o tema <i>bullying</i> .	1) Leitura da Reportagem “Um em cada dez estudantes é vítima frequente de <i>bullying</i> ” buscando informações sobre o tema. – Disponível em: www.folhadelondrina.com.br/geral/um-em-cada-dez-estudantes-e-vitima-frequente-de-bullying-975466.html 2) Debate sobre o <i>bullying</i> na escola. O que é? Já presenciaram? Já sofreram? Já praticaram? O que consideram <i>bullying</i> ? Como prevenir e combater? 3) Questionamento do professor aos alunos de como podemos acabar com o <i>bullying</i> : É preciso aumentar a conscientização ou a punição? 4) Diálogo dirigido onde os alunos possam expor sua opinião.
Oficina 6 Agora é a sua vez... É hora de produzir!	- Produzir a 1ª versão da carta-argumentativa do leitor.	1) Escrita da carta-argumentativa do leitor pelos alunos posicionando-se favoráveis à punição ou conscientização dos agressores no <i>bullying</i>
Oficina 7 Informar <i>versus</i> opinar	- Relacionar e diferenciar textos opinativos e informativos.	1) Vídeo com a notícia: “Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro” (Disponível

		<p>em:<https://globoplay.globo.com/v/6231748/>)</p> <p>2) Leitura da reportagem “Implicações jurídicas do bullying” (<i>Folha de Londrina</i>).</p> <p>3) Leitura: Artigo de Opinião: “O bullying e a capacidade de resiliência”</p> <p>4) Após a leitura de cada texto, registro por escrito do objetivo do texto e de como é estruturado.</p> <p>5) Atividade escrita (DP 4) enfocando os três gêneros textuais lidos a fim de concluir que os textos informativos, apresentam em sua estrutura respostas para as seguintes questões: O quê? Onde? Quando? Como? Já o texto opinativo apresenta uma tese (ideia/opinião) e argumentos e contra-argumentos para comprovar ou defender a opinião.</p>
Oficina 8 A organização da carta-argumentativa do leitor	Reconhecer esquema da sequência argumentativa da carta do leitor	<p>1) Leitura e análise de uma carta do leitor “Armas: perigo ou segurança” (DP 5) pontuando os elementos constitutivos da estrutura do gênero (contextualização/premissa, tese (ideia/opinião), argumentos/contra-argumentos e conclusão)</p> <p>2) Questionário onde os alunos encontrarão as partes e estrutura do texto.</p>
Oficina 9 Tipos de argumentos	Analisar os tipos de argumentos presentes em textos argumentativos	1) Análise da carta do leitor “Tecnologia” (DP 6) foco nos tipos de argumentos: exemplo, autoridade, evidência, comparação (analogia), princípio, causa e consequência (atividade em dupla).
Oficina 10 Produzindo coletivamente	- Desenvolver capacidades para a contra-argumentação.	<p>1) Apresentação do assunto polêmico “redução da maioria penal”</p> <p>2) Apresentação de argumentos favoráveis e contrários à redução da maioria penal apontados no site: http://www.politize.com.br/reducao-da-maioridade-penal-argumentos/(DP 7)</p> <p>3) Divisão a turma em grupos que defenderão um ponto de vista. Elaboração de contra-argumentos para contrapor os argumentos contrários.</p> <p>4) Apresentação oral dos contra-argumentos elaborados por cada grupo.</p>
Oficina 11 Construção de argumentos e contra-argumentos	- Pesquisar e construir argumentos para a defesa de sua tese.	<p>1) Leitura de textos sobre o <i>bullying</i>, a fim de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre o tema e montar um paralelo entre argumentos favoráveis e contrários à criminalização do <i>bullying</i> e a punição dos agressores:</p> <p>- Leitura da reportagem: “Certeza da punição inibirá o bullying”, diz promotor” enfocando os argumentos favoráveis e contrários http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/certeza-da-punicao-inibira-o-bullying-diz-</p>

		<p>promotor/n1300154495710.html</p> <p>- Leitura da lei Intimidação Sistemática (Bullying) nº 13.185</p> <p>http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm</p> <p>4) Após as leituras, elaboração de argumentos e contra-argumentos que servirão para a defesa da tese dos alunos.</p>
Oficina 12: Articulando as ideias!	- Reconhecer os operadores argumentativos nos textos. - Apresentar os diferentes tipos de operadores argumentativos.	<p>1) Leitura de textos com operadores argumentativos (carta anexo 11 Carta do leitor “Mundo virtual”)</p> <p>2) Montagem de quebra-cabeça de texto articulando com os operadores argumentativos.</p>
Oficina 13 Revisão coletiva	Desenvolver o posicionamento crítico e a argumentação	<p>1) Análise da carta-argumentativa do leitor de 2 alunos da turma “punir ou não”, a qual consideramos ser a que mais se aproximou do protótipo proposto no MDG, observando o posicionamento crítico e a argumentação.</p> <p>2) Revisão coletiva das produções dos alunos.</p>
Oficina 14: Revisão reescrita individual	Revisar e melhorar o texto individual	<p>1) Devolução da carta dos demais alunos para que leiam e se recordem do que escreveram.</p> <p>2) Discussão com os alunos sobre as características da carta do leitor, bem como seu propósito comunicativo.</p> <p>3) Revisão do texto individualmente por meio de grade de correção individual.</p> <p>4) Reescrita do texto pelos alunos.</p> <p>5) No laboratório de informática, digitalização das cartas dos alunos e envio ao jornal <i>Folha de Londrina</i>.</p>
Oficina 15 Enviando a da carta-argumentativa do leitor ao Jornal	- Enviar a carta escrita pelos alunos ao Jornal.	<p>1) Digitar as cartas-argumentativas do leitor revisadas e reescritas;</p> <p>2) Enviar via <i>e-mail</i> as cartas ao jornal.</p>



OFICINA 1

RECONHECENDO OS GÊNEROS TEXTUAIS PRESENTES NO JORNAL

Objetivos

- Conhecer o jornal impresso em sua totalidade.
- Reconhecer os gêneros jornalísticos.
- Diferenciar os propósitos comunicativos dos textos presentes no jornal.

Professor, ao iniciar o trabalho pedagógico com a “carta-argumentativa do leitor” é de extrema importância que os alunos conheçam o suporte onde o subgênero textual a ser produzido circula, bem como reconhecer os diversos gêneros que constituem o jornal impresso. Sendo assim, as atividades propostas nessa primeira oficina devem proporcionar o contato direto dos alunos com o suporte textual, para que possam conhecê-lo em sua totalidade. No entanto, salientamos que, caso em sua realidade os alunos já tenham esse contato, essa primeira oficina poderá ser adaptada ou desconsiderada.

1) Professor, leve jornais para a sala de aula e, com a turma separada em duplas, distribua aos alunos deixando-os no primeiro momento para folhear e explorar o suporte textual. Se possível, os jornais devem ser atuais para que os alunos possam identificar conteúdos discutidos na realidade. Nesse momento é importante que você visite os grupos observando e apontando gêneros textuais que os alunos ainda não visualizaram.

2) Conforme as duplas vão encontrando os gêneros textuais no jornal, registre na lousa o título: “Gêneros do jornal”, em forma de item e os gêneros encontrados pelos alunos.

Professor, nessa atividade é muito comum os alunos apontarem os assuntos e não os gêneros, por isso sugerimos fazer a mediação e a intervenção buscando levar os alunos a chegarem ao nome dos gêneros textuais.

3) Em seguida, oriente os grupos a escolherem um dos textos do jornal; façam a leitura e apontem: o título, o autor (se tiver) e qual é a finalidade do texto.

4) Na sequência os alunos socializarão suas leituras oralmente apresentando suas constatações. Você deverá registrar na lousa as informações apresentadas pelos alunos: o título, o autor (se tiver) e a finalidade do texto.

5) Professor, para finalizar a oficina, instigue os alunos a concluir que o jornal impresso é portador de diversos gêneros textuais com diferentes finalidades e propósitos comunicativos: expor, relatar, anunciar, informar, narrar, criticar, entreter, etc.

Professor, ao final de cada oficina é importante que os alunos registrem em seus cadernos as conclusões de aprendizagem.



OFICINA 2

RECONHECENDO OS GÊNEROS DE OPINIÃO PRESENTES NO JORNAL

Objetivo

- Reconhecer os gêneros opinativos do jornal.

Professor, essa é uma oficina muito importante, pois é o momento em que muitos alunos entrarão em contato com os textos de opinião dos jornais pela primeira vez. Muitos deles acreditam que o jornal é apenas fonte de informação e classificados. Aguçar o olhar dos alunos para esse caderno do jornal que é destinado aos leitores é um momento muito importante da sequência didática.

- 1)** Professor, inicie a aula fazendo uma revisão das conclusões da aula anterior. Na sequência questione os alunos sobre a possibilidade de o leitor discordar do que está publicado no jornal ou caso queira emitir sua opinião sobre algum assunto importante de sua realidade. Como fazer?
- 2)** Após deixar os alunos opinarem sobre a questão anterior, convide-os a observar a folha de opinião do jornal. Divida-os novamente em duplas e questione o que veem, como é organizada a página, se há assinatura dos textos, recomendações etc.
- 3)** Peça aos alunos que leiam os textos e identificação dos interlocutores desses gêneros (contexto de produção e contexto de circulação), bem como os propósitos comunicativos da produção do texto.
- 4)** Professor, conclua junto com os alunos, sintetizando as características da página de opinião do leitor, destacando quem escreve os textos, os papéis sociais que assumem, a quem se dirigem, a finalidade dos textos, etc.. É importante que você registre as constatações na lousa e os alunos no caderno. É uma forma de sintetizar os conteúdos discutidos em cada oficina.



OFICINA 3

TOMANDO CONTATO COM A CARTA DO LEITOR

Objetivos:

- Conhecer a carta do leitor e seus diferentes propósitos comunicativos.
- Reconhecer que a carta do leitor é produzida por leitores que se sentiram motivados a expressar sua opinião frente a algum assunto de sua realidade.

Professor, nesta oficina você irá conduzir o olhar dos alunos para o gênero textual carta do leitor, irá levá-los a concluir que os leitores têm um espaço destinado para eles no jornal e que este gênero atende a diversos propósitos comunicativos e pode ser produzido por qualquer cidadão comum, inclusive eles.

- 1)** Professor, você levará a seus alunos diversas cartas do leitor (DP² 1) e em grupo eles deverão fazer a leitura das mesmas observando os interlocutores, os propósitos comunicativos, o conteúdo abordado. Os grupos irão anotar as informações e ao final da aula deverão expor oralmente as informações para a turma.
- 2)** No momento da plenária, registre a informações expostas pelos alunos na lousa e, os alunos, no caderno.
- 3)** Professor, leve-os a concluir que as cartas do leitor podem tratar de diversos assuntos, servir a diversos propósitos comunicativos e serem escritas por cidadãos comuns.

² DP – Dispositivo Pedagógico (todos os dispositivos pedagógicos estão disponíveis no Caderno do Aluno).



OFICINA 4

QUAL É O SEU PONTO DE VISTA?

Objetivos

- Reconhecer o ponto de vista e a defesa na carta-argumentativa do leitor.

Professor, esse é o momento em que você irá focar no subgênero “carta-argumentativa do leitor”. É preciso levar os alunos a entenderem o propósito comunicativo desse subgênero, bem como sua finalidade específica, que é a de defender um ponto de vista em relação a uma questão polêmica contemporânea, por meio da argumentação.

1) Professor, inicie a aula fazendo uma revisão das considerações e conclusões da oficina anterior. Na sequência, entregue aos alunos a fotocópia do texto “Ladrão e vacilão” (DP 2). Solicite que façam inicialmente a leitura silenciosa e na sequência faça a leitura coletiva.

2) Questione oralmente os alunos sobre o autor do texto, o título, como o autor começa o texto, como desenvolve e termina, buscando levá-los a refletir sobre a estrutura composicional do texto.

Professor, este é um momento em que o levantamento das hipóteses pelos alunos é de grande importância para o trabalho, portanto, não leve resposta pronta, os conceitos construídos pelos alunos devem ser valorizados.

3) Também questione sobre a finalidade do texto, o ponto de vista defendido pelo autor e como ele defende esse ponto de vista.

4) Professor, faça a leitura do texto aos alunos, com ênfase na pontuação e entonação. Caso haja alguma dúvida sobre alguma palavra, ela deve ser esclarecida.

5) Entregue aos alunos a atividade 2 do DP 2.

6) A correção deverá ser feita oralmente com a participação dos alunos, buscando esclarecer as possíveis dúvidas bem como sistematizar a ideia de que a carta-argumentativa do leitor tem o propósito comunicativo de opinar sobre um assunto da realidade do leitor e esse ponto de vista é defendido por meio da argumentação.

7) Ao final da oficina, proponha aos alunos o projeto de escrita: a produção de uma carta-argumentativa do leitor. Informe-os que na oficina seguinte você irá trabalhar um pouco sobre o tema a ter abordado na carta para que possam emitir sua opinião.



OFICINA 5

NEM TODOS PENSAM IGUAIS: QUAL É A POLÊMICA?

Objetivos

- Problematizar o tema *bullying*.

Professor, este é o momento de fomentar o assunto proposto. Procure, para tanto, engajar os alunos no tema, incentivando a participação de todos, a tomada de posição e a busca por argumentos para defender sua posição.

1) Professor, inicie a oficina lembrando sobre o projeto de produção da carta-argumentativa do leitor. Na sequência, distribua aos alunos a fotocópia da reportagem “Um em cada dez estudantes é vítima frequente de *bullying*”(Disponível em: www.folhadelondrina.com.br/geral/um-em-cada-dez-estudantes-e-vitima-frequente-de-bullying-975466.html) e solicite que façam uma leitura bem atenta e procurem grifar as palavras desconhecidas e as informações importantes sobre o tema.

2) Após a leitura individual feita pelos alunos, faça uma leitura em voz alta do texto, buscando esclarecer as possíveis dúvidas dos alunos quanto ao vocabulário. Em seguida, oportunize aos alunos que exponham o que entenderam do texto e as informações por eles grifadas.

3) Professor, durante a participação dos alunos, já fomente um debate sobre o *bullying* na escola. O que é? Já presenciaram? Já sofreram? Já praticaram? O que consideram *bullying*? Como prevenir e combater? Questione os alunos sobre como podemos acabar com o *bullying*: é preciso aumentar a conscientização ou a punição?

Professor, nesse momento é muito importante valorizar as opiniões dos alunos e incentivá-los a expor suas opiniões.



OFICINA 6

AGORA É A SUA VEZ...

É HORA DE PRODUZIR!

Objetivo:

- Produzir a 1ª versão da carta-argumentativa do leitor.

Professor, esse momento da sequência didática é muito importante, porque, a partir da primeira produção, você terá condições de diagnosticar o que os alunos sabem ou não sobre o subgênero, possibilitando, assim, delimitar os pontos problemáticos em relação a sua produção, para que sejam enfatizadas nas oficinas seguintes. Dessa forma, o diagnóstico serve de orientação para as próximas atividades a serem desenvolvidas. Como a sequência didática aqui já está pronta, cabe a você, então, adaptar as oficinas e atividades às necessidades específicas dos seus alunos. Você pode tanto acrescentar ou excluir atividades, caso seja necessário, mas tomando o cuidado, sempre, de não se desviar da metodologia das sequências didáticas de gêneros.

1) A primeira produção da carta-argumentativa do leitor deverá ser escrita pelos alunos, buscando posicionar-se sobre favoráveis ao aumento de punições ou o aumento da conscientização dos praticantes do *bullying*. Professor, deixe claro aos alunos que essa é a primeira versão e que após o desenvolvimento do projeto eles terão a oportunidade de corrigir e reescrever seus textos visando a publicação no jornal.



OFICINA 7

INFORMAR *VERSUS* OPINAR

Objetivo:

- Relacionar e diferenciar textos opinativos e informativos.

Professor, nessa oficina os alunos terão a oportunidade de entrar em contato com dois textos informativos e um texto opinativo. Todos os textos apresentam assuntos relacionados ao tema proposto para este projeto, o *bullying*, sendo assim, é necessário que haja um debate voltado para o tema e a aquisição de informações para que o aluno possa ampliar seus conhecimentos sobre o assunto, porém, também é preciso conduzir os alunos a identificar as diferenças dos textos informativos e opinativos. Portanto, caberá ao professor conduzir as atividades de maneira que não se percam os dois focos da oficina, um voltado à aquisição de informações sobre o tema e o outro sobre o objetivo do texto.

1) Professor, inicie a aula recordando com os alunos o objetivo do projeto e exponha que as atividades a serem desenvolvidas daquele momento em diante irão contribuir para ampliar os conhecimentos dos mesmos para que possam desenvolver capacidades de linguagem importantes na construção da carta-argumentativa do leitor e que servirão para o momento em que eles revisarão e reescreverão seu texto. Reforce também a importância do engajamento de todos.

2) Apresente aos alunos o vídeo com a notícia: “Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro”. (Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6231748/>>).

3) Fomente um diálogo dirigido sobre as informações trazidas pela reportagem. Durante o diálogo, coloque na lousa as palavras-chave: título, autor, veículo de circulação, e as questões: O quê? Quando? Onde? Por quê? Qual é a finalidade do texto?(Vocês irão responder essas questões, a princípio, somente oralmente).

Professor, levar os alunos a refletir sobre essas questões será importante para que eles consigam observar e diferenciar, ao final da oficina, a diferença de textos informativos e opinativos (argumentativos).

4) Na sequência, distribua aos alunos a fotocópia da reportagem “Implicações jurídicas do bullying” (*Folha de Londrina*) (DP 3). Os alunos farão inicialmente a leitura silenciosa e, na sequência, a leitura coletiva mediada pelo professor. Vá distribuindo os trechos a serem lidos aos alunos bem como dialogando sobre as informações contidas no texto.

Professor, é importante que você leia o texto e o organize anteriormente para a leitura coletiva, para que possa fazer as pausas em momentos estratégicos e dialogar com os alunos sobre as informações. Ressaltamos que o texto é longo, por isso essas pausas são necessárias. Orientamos, também, que solicite aos alunos que grifem no texto trechos que eles consideraram importantes, pois poderão servir de subsídios para a reescrita do texto final da carta-argumentativa do leitor.

5) Após a leitura e diálogo das informações contidas no texto, como feito na atividade anterior, registre na lousa as palavras-chave: título, autor, veículo de circulação, e as questões: O quê? Quando? Onde? Por quê? Qual é a finalidade do texto? E sistematize oralmente.

6) Professor, após o estudo desses dois textos, questione os alunos sobre as semelhanças e diferenças entre eles. Deixe que os alunos levantem suas hipóteses, e, ao final, sistematize que os dois textos têm a mesma finalidade (propósito comunicativo), que é o de informar, sendo que a diferença é o veículo de circulação (jornal falado e jornal impresso) e a modalidade da linguagem (oral e escrita).

7) Distribua aos alunos o terceiro e último texto, o artigo de opinião “O bullying e a capacidade de resiliência” (DP 3). Peça para que façam a leitura silenciosa e que grifem palavras desconhecidas e trechos que julgarem interessantes.

8) Fomente um diálogo dirigido sobre as informações trazidas pelo artigo. Questione os alunos sobre a finalidade do texto, comparando com os dois textos anteriores. Questione também sobre a estrutura do texto bem como relevância dos questionamentos (O quê? Quando? Onde? Por quê?) para o artigo.

Professor, aqui o objetivo é conduzir os alunos a observar as diferenças entre os textos informativos e opinativos (ou argumentativos), tanto quanto à finalidade, informatividade e estrutura do texto.

9) Desenvolva a atividade escrita do DP 3, enfocando os três gêneros textuais lidos, a fim de concluir que os textos informativos apresentam em sua estrutura respostas para as seguintes questões: O quê? Onde? Quando? Como? Já o texto argumentativo defende uma tese (ideia/opinião) por meio de argumentos e contra-argumentos.



OFICINA 8

A ORGANIZAÇÃO DA CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR

Objetivo

- Reconhecer o esquema estrutural da sequência argumentativa da carta do leitor.

Professor, baseado nas conclusões da oficina anterior, exponha aos alunos que a partir dessa oficina o foco principal será as características da carta-argumentativa do leitor, subgênero da carta do leitor que tem por objetivo opinar sobre um tema controverso da realidade social e defender um ponto de vista por meio de argumentos e contra-argumentos. É importante que os alunos conheçam a proposta de trabalho, para que valorizem as atividades que contribuirão para o desenvolvimento da aprendizagem sobre o subgênero.

1) Professor, após as explicações necessárias sobre a oficina, entregar aos alunos o texto “Armas: perigo ou segurança” (DP 4). Solicitar a leitura individual dos alunos e, em seguida, a leitura coletiva ou do professor, pontuando os elementos constitutivos da estrutura do gênero (contextualização/premissa, tese – ideia/opinião –, argumentos/contra-argumentos e conclusão).

2) Em seguida, solicite aos alunos que realizem as atividades 1 e 2 do DP 4.

Professor, na atividade 2 as questões a, b e c mobilizam a impressão dos alunos, por isso oriente-os a não copiarem trechos do texto. As questões d a f movimentam as mesmas impressões das questões anteriores, entretanto, além da reflexão sobre o texto, também mobilizam as nomenclaturas adequadas do plano global textual da carta-argumentativa do leitor. É importante que os alunos utilizem essas nomenclaturas, pois, na oficina de revisão e reescrita já estarão familiarizados com as terminologias.

3) Professor, durante a realização das atividades é importante que você caminhe pela sala e já vá fazendo intervenções para os alunos que apresentem dificuldade e as correções individuais das questões. Ao final, faça uma socialização coletiva das respostas. Valorize as respostas dos alunos e incentive-os a utilizar as nomenclaturas adequadas.

4) Finalize a oficina com a sistematização na lousa da estrutura da carta-argumentativa do leitor, buscando esclarecer os pontos de dificuldades observados.



OFICINA 9

DEFENDENDO UMA IDEIA! ARGUMENTAR É PRECISO!

Objetivo

- Analisar os tipos de argumentos presentes em textos argumentativos.

Professor, a argumentação é o recurso primordial na construção da carta-argumentativa do leitor. Conduza os alunos a refletir sobre a importância dos argumentos para a defesa do ponto de vista neste subgênero textual.

1) Professor, inicie essa oficina recordando pontos importantes vistos nas oficinas anteriores como as características dos gêneros argumentativos, bem como a estrutura composicional da carta-argumentativa do leitor. Conduza os alunos a refletirem sobre a defesa do ponto de vista e a importância da argumentação. Especifique o objetivo dessa oficina e sua importância para esse projeto de produção escrita.

2) Organize os alunos em duplas e entregue a eles fotocópia com as atividades 1 e 2 do DP 5, com foco nos tipos de argumentos: exemplo, autoridade, evidência, comparação (analogia), princípio, causa e consequência. Após a realização da atividade 1, faça a correção oral com a turma e solicite a leitura dos alunos dos tipos de argumentos.

Professor, com relação aos tipos de argumentos, caso queira se aprofundar um pouco mais, sugerimos levar exemplos em textos e apresentá-los aos alunos em *datashow*. Ressaltamos que, para os alunos, os nomes dos tipos de argumentos não são de grande relevância, o objetivo é que eles entendam a funcionalidade dos argumentos dentro do texto.

3) Na sequência, entregue aos alunos o texto “Tecnologia” (DP 5) e solicite que realizem a atividade 3.

4) Para a correção, realize a leitura do texto e solicite a participação dos alunos nas respostas das questões, fazendo as intervenções necessárias para a correção, caso haja necessidade.



OFICINA 10

DEFENDENDO UMA IDEIA

CONTRA-ARGUMENTAR É PRECISO!

Objetivo:

- Desenvolver capacidades para a contra-argumentação.

Professor, essa oficina é uma das mais complexas da sequência didática, tendo em vista que a capacidade de contra-argumentação envolve o debate com o pensamento do “outro”, o que de certa forma é uma atividade que exige conhecimento do assunto debatido e abstração. Observe os alunos na realização das atividades, incentive-os e ajude-os caso tenham dificuldades e, caso considere necessário, amplie a oficina com mais atividades.

- 1) Professor, inicie a aula explicando aos alunos sobre os objetivos dessa oficina que é a contra-argumentação, reforce sobre a importância desse recurso na construção da carta-argumentativa do leitor. Em seguida, apresente aos alunos o tema polêmico “redução da maioria penal”. Certamente muitos deles já terão uma opinião, tendo em vista que é um assunto muito recorrente na sociedade e nas redes sociais.
- 2) Entregue aos alunos o texto “7 argumentos a favor e contra a redução da maioria penal” (DP 6) e faça a leitura coletiva com eles discutindo e esclarecendo as ideias apresentadas no texto.
- 3) Em seguida, divida a turma em grupos e apresente a atividade do dispositivo 6: O grupo deverá posicionar-se contrários ou favoráveis a redução da maioria penal e construir contra-argumentos para a defesa de seu ponto de vista. Para tanto, escolherão argumentos contrários à sua posição e produzirão contra-argumentos para rebatê-los.

Professor, na divisão dos grupos você poderá realizar de duas formas: 1) verificar os alunos que se posicionam favoráveis e contrários e dividi-los de acordo com suas posições; 2) deixar que os alunos escolham seus parceiros de grupo, no entanto,

poderá haver posicionamentos contrários no mesmo grupo, mesmo assim, eles deverão se organizar e defender apenas uma posição.

4) Professor, durante a realização da atividade caminhe pela sala visitando os grupos e fazendo intervenções caso necessário. Evite que os alunos se desmotivem pelo grau de dificuldade da atividade. Também procure já fazendo correções necessárias para que durante as apresentações na atividade seguinte os alunos apresentem a atividade o mais adequado possível.

5) Após o término das atividade, os grupos deverão registrar os contra-argumentos em cartazes e apresentá-los em plenária e deixá-los expostos na sala para que todos tenham contato e observem o debate de ideias.



OFICINA 11

CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS E CONTRA- ARGUMENTOS

Objetivo:

- Pesquisar e construir argumentos para a defesa do ponto de vista/tese.

Professor, essa oficina é bastante objetiva, onde os alunos poderão elaborar argumentos e contra-argumentos que poderão ser utilizados na produção final. É um momento também de *feedback* para o professor que poderá observar se os alunos estão se apropriando dos conhecimentos ensinados durante as oficinas. Recolha os textos dos alunos para uma revisão. Faça apontamentos que julgar importantes e devolva a tarefa aos alunos para que possam tomar conhecimento dos “erros” e progressos. Caso entenda ser necessário apresente os argumentos dos alunos em *slides* e faça os apontamentos e intervenções necessárias.

DICA DE LEITURA:

Sugerimos a leitura do capítulo II, “*Obstáculos, dificuldades e erros de escrita*” da obra:

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

- 1) Professor, inicie a oficina fazendo um *feedback* dos conhecimentos trazidos até então nas oficinas anteriores. Exponha os objetivos desta oficina e em seguida entregue os textos à turma.
- 2) Entregue texto 1, “Certeza da punição inibirá o bullying”, diz promotor” e 2 da lei Intimidação Sistemática (Bullying) nº 13. 185 (DP 7) e solicite, primeiramente, que os alunos façam a leitura individual dos textos e, na sequência, façam a leitura coletiva e/ou do professor. Procure durante a leitura fazer questionamentos sobre o texto fomentando discussões sobre as informações trazidas.
- 3) Após as leituras e discussões, os alunos deverão, individualmente, elaborar argumentos e contra-argumentos que servirão para a defesa da tese dos alunos.



OFICINA 12

ARTICULANDO AS IDEIAS!

Objetivos

- Reconhecer os operadores argumentativos nos textos.
- Apresentar os diferentes tipos de operadores argumentativos.

Professor, essa oficina é apropriada para o desenvolvimento da textualidade, a coesão e a coerência, os operadores argumentativos são de extrema importância na construção do texto de opinião/argumentativo. Em nossa experiência no desenvolvimento dessa sequência didática percebemos que logo na oficina 8 os alunos já sentiram a necessidade de utilizar os operadores argumentativos, sendo assim, caso entenda ser mais adequado, faça a inversão na ordem dessa oficina.

- 1) Professor, inicie essa oficina explanando sobre a importância da articulação das ideias no texto, em seguida, com os alunos organizados em duplas, entregue os textos 1, 2 e 3 (DP 9) e solicite que encontrem as palavras/expressões que estão articulando as ideias nos textos.
- 2) Em seguida, faça a leitura dos textos apontando os conectivos e operadores argumentativos e solicite aos alunos que realizem a atividade 2 (DP 9). Conclua reforçando a importância dos articuladores textuais para a coesão e coerência das ideias no texto.
- 3) Na sequência, solicite aos alunos que realizem as atividades 3 e 4 (DP 9).
- 4) Faça a correção oralmente incentivando a participação dos alunos.



OFICINA 13

REVISÃO COLETIVA

Objetivos

- Desenvolver o posicionamento crítico e a argumentação.

Professor, iniciamos aqui o processo de revisão textual. Esse processo de revisão faz parte da avaliação formativa do aluno, que não visa apontar os “erros”, mas principalmente valorizar o que o mesmo já produziu e oportunizá-lo a re-escrever seu texto. A revisão coletiva é um momento importante da sequência didática, pois oportuniza aos alunos momentos de reflexão e desenvolvimento da criticidade da análise do subgênero textual trabalhado. Para tanto, você deverá selecionar duas cartas-argumentativas do leitor produzidas na primeira versão. Orientamos escolher uma carta que mais se aproxima e outra que mais se distancia do subgênero textual estudado.

DICA DE LEITURA:

1) BARROS, Eliana Merlin D. de Barros; MAFRA, Gabriela Martins. A correção textual

do professor como instrumento de ensino e aprendizagem na metodologia das sequências didáticas de gêneros. *(Con)textos Linguísticos*, Vitória/ES, v.10, n.17, p. 46-68, 2016.

2) MAFRA, Gabriela Martins; BARROS, Eliana Merlin D. de. Revisão coletiva, correção

do professor e autoavaliação: atividades mediadoras da aprendizagem da escrita. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v.06, n. 01, p. 33-62, jan./jun. 2017.

1) Professor, antes de iniciar revisão, converse com os alunos sobre a importância do processo de revisão, que não é um momento de repreensão e apontamentos de

“erros”, mas sim uma oportunidade de analisar criticamente a escrita e que todos terão a oportunidade de reescrever e melhorar seus textos na produção final.

2) Entregue aos alunos a grade de revisão coletiva (DP 9) e faça a leitura com eles, identificando e esclarecendo possíveis dúvidas.

Professor, ao apresentar as cartas não coloque ainda quem são os autores, apenas que são alunos da sala, pois os próprios autores, se sentirem-se à vontade, irão se identificar.

3) Apresente as cartas digitalizadas no *datashow* sem nenhuma alteração ou apontamento. Primeiramente a carta que menos se aproxima com o modelo didático prototípico da carta-argumentativa do leitor. Deixe que os alunos levantem dados por meio da observação da grade de correção. Na sequência, apresente a carta que mais se aproxima do modelo apresentado.



OFICINA 14

REVISÃO E REESCRITA INDIVIDUAL

Objetivos

- Revisar e melhorar o texto individual.

Professor, esta oficina deve proporcionar atividades de revisão que verifiquem se o texto produzido pelo aluno cumpre a sua função social, se está de acordo com as características trabalhadas nas oficinas e se respeita as convenções da escrita da língua portuguesa. A nossa sugestão é trabalhar com: 1) auto-avaliação (orientada por uma grade de revisão, com perguntas diretivas –DP 10); 2) correção do professor(orientada por uma ficha de controle – DP 9). É nessa etapa que os alunos colocam em prática os conhecimentos adquiridos nas oficinas. A revisão e reescrita são passos fundamentais para se conseguir um avanço no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. Professor, nesse momento, você deve ajudar o aluno, utilizando todos os recursos e meios desenvolvidos durante as oficinas para que ele consiga ser um produtor-autor de uma carta-argumentativa do leitor.

- 1) Professor, antes de inicial a revisão final, recorde com os alunos os conteúdos estudados durante as oficinas, buscando enfatizar as características da carta-argumentativa do leitor.
- 2) Entregue aos alunos a primeira versão da carta-argumentativa do leitor produzidas pelos alunos e a fotocópia da grade de correção (DP 10). Solicite que façam a leitura de suas cartas com bastante atenção e façam a revisão das mesmas de acordo com a grade de correção.
- 3) A seguir, os alunos irão reescrever seus textos, observando as características que faltaram e foram apontadas na revisão individual da grade de correção.
- 4) Professor, as cartas serão recolhidas e você irá fazer a correção final.

Professor, Ruiz (2015) apresenta quatro tipos de correção: 1) *indicativa* – indicação do problema no texto do aluno por meio de setas, círculos, grifos, etc.; 2) *classificatória* – destaque dos problemas textuais por meio de símbolos ou metalinguagens partilhadas com os alunos; 3) *resolutiva* – resolução dos problemas para o aluno, ou seja, é quando o professor apresenta a resposta para o aluno; 4) *textual-interativa* – diálogo com o aluno por meio de comentários, apontamentos e bilhetes deixados no final do texto do aluno. O ideal é que o professor articule mais de um mecanismo. Sugerimos aqui as correções indicativas e textual-interativa, entretanto, a decisão didática é sua, professor, que deverá escolher a estratégia que melhor se adequar a sua realidade e a necessidade real dos alunos. Recomendamos, também, não sobrecarregar o texto do aluno com muitas correções.

DICA DE LEITURA:

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual interativa*. São Paulo: Contexto, 2015.

5) Após a revisão do professor, os alunos irão reescrever a versão final da carta-argumentativa do leitor.



OFICINA 15

ENVIANDO A DA CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR AO JORNAL

Objetivos

- Enviar a carta escrita pelos alunos ao Jornal.

Professor, esse é o momento da prática social do gênero textual, tendo em vista que todo o processo de ensino culminou para a produção escrita do subgênero textual carta-argumentativa do leitor.

1) Professor, no laboratório de informática da escola os alunos digitarão suas cartas e após a sua supervisão, enviarão as cartas ao jornal. Caso o aluno não tenha e-mail, você poderá optar por enviar pelo e-mail da escola ou seu. Outra possibilidade seria fazer o e-mail da turma.

Professor, na atividade proposta, todas as cartas seriam enviadas, no entanto, caso tenha cartas que não cumpriram com o propósito comunicativo ou a estrutura do subgênero textual, você poderá fazer uma seleção prévia para o envio.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CARTA-ARGUMENTATIVA DO LEITOR

CADERNO DO ALUNO

LUCIANA TEIXEIRA DA SILVA LIMA

Caro aluno, em grupo vocês deverão ler as cartas a seguir e identificar as seguintes informações:

- 1) Título
- 2) Identificação: autor, ocupação, cidade e data da publicação da carta.
- 3) Objetivo do autor ao produzir o texto – propósito comunicativo.

Registre as informações no caderno para posterior socialização e exposição oral.

Texto 1

Cracolândia londrinense

Para os que pensam que apenas grandes metrópoles enfrentam locais da cidade dominados pelas drogas, aqui vai uma informação: Londrina está no mapa da cracolândia. Muito mais perto que imagina-se, um dos pontos de droga na nossa cidade está a uma quadra da Avenida Higienópolis, ao lado do Colégio Anchieta, numa pracinha da Rua Humaitá, quase esquina com a Rua Montese. É ali que todos os finais de semana, há mais de 2 anos, todo tipo de gente se encontra para usar drogas, beber, traficar e ouvir música tão alta que não deixa a vizinhança dormir. Como se não bastasse, nesse mesmo local já houve assalto, acidente de carros e motos, brigas e, na madrugada de sábado (03/06), houve até tiroteio. Os vizinhos já cansaram de ligar para a polícia exigindo que exerça seu poder de proteger a cidade e evitar crimes, mas nada acontece. A cada final de semana a situação piora e o movimento de bandidos só aumenta na pracinha da Rua Humaitá, que fica igual a um chiqueiro quando o dia amanhece. Fico me perguntando o que precisará acontecer para que tomem uma atitude, a morte de alguém, talvez.

NATHÁLIA GUIMARÃES TEIXEIRA (administradora) – Londrina

Fonte: *Jornal Folha de Londrina*, 06/06/2017.

Texto 2

Festas juninas

O tempo passa, a tecnologia avança e o mundo está em constante mutação. Porém, as tão esperadas festas juninas perduram evocando um passado não tão distante. Pipocas, quentão, amendoins, comidas, músicas, danças e trajes típicos evocam o bom caipira temente a Deus, homens e mulheres que amam o campo, a natureza, a família, a vida em comunidade; gente que alimenta e si mesma e toda cidade. Junho é tempo de memória e diversão em torno de Santo Antônio, São Pedro e São João, mas também tempo de reflexão e gratidão pelos trabalhadores do campo e por toda produção que alimenta a população. Sobretudo escolas e igrejas deveriam aproveitar a oportunidade para resgatar princípios e valores que permearam a vida de quem vivia na roça, tais como a simplicidade, a humildade, a gratidão, a partilha, a reciprocidade e tantos outros, muitos dos quais perderam espaço com a ascensão da vida urbana e até são desconhecidos por boa parte das novas gerações. Bem-vindas as festas juninas, oásis em meio à estressante rotina da cidade grande, que sem glamour acolhem a todos indistintamente e não debocham, mas valorizam o caipira, relembram os velhos tempos com saudade, remetem à gratidão, promovem a verdadeira alegria, aproximam as pessoas, favorecem a amizade e estreitam laços.

ROMÃO ANTONIO MARTINI MARTINS (padre) – Londrina

Fonte: *Jornal Folha de Londrina*, 10/06/17.

Texto 3:

O país do desperdício e na contramão

A matéria "Desperdício de energia atinge R\$ 61,7 bilhões em três anos" (*Economia&Negócios*, 22/05) cita fatos e dados que comprovam o enorme potencial para eficiência energética, que seria no caso, o lado da demanda, e a gigantesca capacidade de geração energética através de fontes renováveis, pelo lado da oferta. A título de sugestão e contribuição, poderíamos elaborar uma matéria que exponha as causas perenes que impedem tais realizações e faz com que sejamos, por enquanto, um caso de estudo, e sermos desqualificados, quanto brasileiros, como, iludidos úteis. Dispomos de recursos energéticos quase que infindáveis e estamos classificados como penúltimos posicionados na tabela mundial! Tal providência, de reversão, a quem compete? Quem buscará a

nossa real posição? Poderíamos perguntar a nós mesmos. Depender de pseudo gestores públicos que se aliam a grupos econômicos, que exploram como lavra de minério este segmento, não é, sem sombra de dúvidas, uma solução. Façamos nossa tarefa de casa que é expor com transparência e controle social estas e outras questões para que possamos, através de ações diretas e concretas, alcançar um novo posicionamento cidadão, uma mudança de consciência cidadã, transformando as bases de nossa cadeia produtiva e, conseqüentemente, a nossa realidade econômica. Sigamos, a passos largos, firmes, trilhemos novos rumos, com a energia pujante de brasileiros que somos.

AUBER SILVA PEREIRA (engenheiro eletricitista) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 23/05/17.

Texto 4

A natureza pede socorro

Em um momento que a natureza está pedindo para que os seres humanos a protejam justo no mês em que é comemorado o "Dia Mundial da Ecologia e do Meio Ambiente" (05/06), querem a reduzir a área ambiental que cruza 12 cidades do Paraná e abriga uma formação geológica de 400 milhões de anos. Com isso, atividades de agricultura, pecuária e mineração poderiam ser mais desenvolvidas nestas cidades claro que, em detrimento de milhões de anos de criação da natureza e que trará graves conseqüências ao ecossistema. Quem pode salvar a natureza? Nós com pequenos gestos que são fáceis de falar e difícil de fazer: plantar árvores, preservar a natureza, jogar o lixo no lugar certo, separar reciclados, arrumar os canos de escape dos automóveis, diminuir a emissão de gases lançados na atmosfera pelas indústrias e casas, não usar aerosol, evitar queimadas, colocar paver nas calçadas e se conscientizar que se nada fizermos as catástrofes atmosféricas aumentarão em um curto período de tempo.

LUCIMEIRE GASPARIN MARTINS (comerciante) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 12/06/17.

Dispositivo didático 2 – OFICINA 4: Qual o seu ponto de vista?

Caro aluno, leia atentamente o texto observando: o título; como o autor começa o texto, como desenvolve e termina; a finalidade do texto; o ponto de vista defendido pelo autor e como ele defende esse ponto de vista.

‘Ladrão e vacilão’

Vamos falar daquele adolescente que teve carimbado em sua testa “Ladrão e vacilão”. Pois bem, 17 anos, dependente químico, pobre, mora na periferia pobre e possui transtornos mentais, segundo familiares e amigos. Você ainda não mudou sua opinião sobre isso? Pois bem, o Brasil está em estado de calamidade não declarado, todos sabemos, somos roubados de cima até embaixo, legalmente e ilegalmente e, ultimamente, a sociedade anda bem calada, convenhamos. Passou a histeria ou cansamos? Bom, mas o que tem isso? A diferença é que não tatuamos na cara desses marginais engravatados pois, justamente, estão engravatados, são elegantes, têm pompa e não são aquele pobre menino vítima de uma doença chamada vício, mal vestido e, talvez, fétido que perambula pelas ruas à procura de algo que o faça aliviar aquela dor da abstinência. É fácil dizer: “Então, leva ele para casa!” ou “Nossa justiça não funciona! Olho por olho, dente por dente”. Não, não levo ele para casa, pois essa responsabilidade não é só minha, é desse Estado falido, é dos pais negligentes, é da sociedade da exclusão! Mas uma coisa lhes digo, se meu filho de 17 anos fosse quimicamente dependente e roubasse um item seja lá de quem for e fizessem o que fizeram com esse adolescente, sem dúvida, os faria pagar legalmente, cada marca permanente que deixaram no meu filho. Aos Bolsonaristas dessa cidade, mais amor por favor! Olhar para dentro de casa e de si é um treino diário.

RAFAEL ANTONIO OTAVIANO (servidor público) – Londrina

Fonte: Jornal Folha de Londrina 17/06/2017

1) Responda às questões sobre o texto “Ladrão e vacilão”, a seguir.

- a) Qual é o título do texto e quem o produziu?
- b) Como o autor inicia o texto?
- c) Como ele o desenvolve?
- d) Como ele o finaliza?
- e) Qual é o propósito comunicativo do autor?
- f) Qual é o tema do texto?
- g) Qual é o ponto de vista do autor?

Dispositivo didático 3 – OFICINA 7: *Informar versus opinar*

Caro aluno, vamos assistir ao vídeo “Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro”. (Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6231748/>>) e ler os textos a seguir com bastante atenção, pois eles são fontes importantes de conhecimento para que você possa conhecer mais sobre o tema *bullying* e das características do texto da carta-argumentativa do leitor que você irá produzir.

Texto 1: Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6231748/>>

Implicações jurí

Advogado realiza palestra responsabilidades legais da

Simoni Sarits
Reportagem Local

N o dia a dia de uma escola, não é raro ocorrerem desentendimentos, ofensas e agressões físicas e verbais entre alunos. Mas quando essas situações passam a ser sistemáticas, o bullying pode ser caracterizado e professores, funcionários, pais e alunos devem estar atentos e conscientes das implicações dessa prática dentro de uma instituição de ensino, inclusive no âmbito jurídico, nas esferas civil e criminal.

O advogado Luiz Antonio Teixeira realizou uma palestra direcionada a professores da Escola Municipal Maria Cândida Peixoto Salles, no Jardim Santa Fé (zona leste), para orientar sobre deveres e direitos nas relações com alunos, familiares e colegas dentro do ambiente escolar e lembrou que o estabelecimento de ensino pode ter responsabilidade sobre situações que comecem na rua envolvendo os estudantes. "O bullying, em si, não constitui crime, não está previsto no Código Penal, mas as ações cometidas na prática do bullying, sim", ressaltou o advogado, durante a atividade, realizada no sábado (27). O autor do bullying pode responder judicialmente por crimes como calúnia, difamação, assédio, intimidação, ameaça, furto, roubo e agressões físicas, por exemplo.

Em 2015, a lei federal 13.185 instituiu o Programa de Com-



Atividade reúne educadores de ur

prevenção e conscientização. A vítima tem garantias individuais, no caso de serem menores de idade, são protegidas pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), e podem ser indenizadas por danos moral ou material", explicou Teixeira. "Há professores que acham que a secretaria (estadual ou municipal de Educação) vai pagar um indenizador em caso de serem processados, mas isso não acontece. Comecei esse trabalho de palestra nas escolas no ano passado porque percebi na escola do meu filho

Ato quando praticado por alunos contra professores também é passível de reparação

dicas do bullying

para conscientizar sobre as escola na prática do bullying



na escola da zona leste de Londrina

trabalho de orientação a professores, funcionários, pais e alunos que vai começar a partir de agora."

A instituição tem 320 estudantes matriculados no ensino fundamental, mas também abriga alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e do CEEB/A (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos). "São vários níveis de alunos que temos aqui, são crianças, adolescentes e adultos", disse a diretora.

Para a professora Raquel Mendes Libanio Almeida, agir com amor e estimular a empatia entre os alunos é o caminho para superar os casos de bullying na escola. "Tem que conversar. O que eu faço é tentar estimular a empatia, fazer o agressor se colocar no lugar da vítima e tem dado resultado", afirmou. "Mas essa parte jurídica é pouco conhecida entre os professores e funcionários."

Professora de apoio de um aluno com dificuldades motoras, Angelita de Lima tem que lidar com situações delicadas constantemente. "Há alunos que não querem incluir-lo nas brincadeiras por causa da dificuldade de locomoção, mas aí eu tento convencer e mostrar aos colegas que apesar das limitações ele também tem condições de interagir, mas hoje, aqui na palestra, o que eu percebi é que a questão é mais séria do que a gente imaginava. Mais do que proteger a criança, a gente tem que se proteger também. Você precisa agir e aqui aprendemos como agir."

SAÚDE PÚBLICA
O advogado destaca que o bullying é considerado um problema de saúde pública. Uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015 acusou registros de casos de bullying em 7% das escolas do País, mas Teixeira garante que esse índice está subestimado. "A pesquisa não considerava todos os casos."

"Essa palestra é muito importante para que a gente saiba qual é a nossa responsabilidade. Esse tipo de informação é fundamental para que a gente possa orientar os alunos e os pais, para aprender a identificar e a lidar com essas situações", destacou a diretora da escola, Adriana Ribeiro Ferreira. "A palestra é o primeiro passo para todo um

que os professores e diretores não tinham conhecimentos sobre bullying e bullying. Os profissionais não sabem praticamente nada sobre essa questão. Teixeira lembrou ainda que nem sempre o fato de uma situação não ser caracterizada como bullying vai eximir o autor de indenizar a vítima.

Embora, os casos de bullying nos quais a vítima é o aluno sejam mais frequentes, Teixeira destacou que bullying quando praticado por alunos contra professores também é passível de reparação. O professor vítima de bullying pode e deve, da mesma maneira, tomar as medidas contra o agressor, orientou.

Texto 3: Artigo de opinião: "O bullying e a capacidade de resiliência"

— ESPAÇO ABERTO —

O bullying e a capacidade de resiliência

A tragédia de Goiás movimentou as redes sociais e reacendeu a discussão sobre a questão do bullying em nossas escolas. Afinal, dois adolescentes foram mortos e outros ficaram feridos. O atirador, também adolescente de apenas 14 anos, chocou o país com tamanha brutalidade. Claro que esta é, sem dúvida, a questão de fundo: o bullying que este sofreu na escola, depois de ter sido chamado de "fedorento". Não quero aqui dizer que o bullying é uma questão que deva ser minimizada, de forma alguma. O bullying tem que ser tratado de forma exaustiva nas escolas, de forma a evitar mais tragédias.

Mas queria aqui lançar luzes sobre um outro viés que precisa ser considerado na reflexão e que está intimamente ligado ao bullying. Diante de uma sociedade altamente exigente, como reagem nossos adolescentes? A sociedade empurra goela abaixo dos nossos adolescentes e jovens a necessidade cada vez maior de ser os melhores, de saberem o maior número de informações possível, de terem produtos de última moda. Ou seja, nossos adolescentes são bombardeados com um número infinito de estímulos e não sabem como lidar com isso.

Junte a esse composto já explosivo por si só a incapacidade que algumas pessoas têm de não saberem reagir com calma diante de certas contrariedades. Isso se chama resiliência. Resiliência pode ser definida como a capacidade que alguns corpos têm de retomar a sua forma original após uma deformação. Pensemos no elástico, que volta ao seu estado normal depois de ter sido esticado. No campo do comportamento humano, é a capacidade que temos de nos adaptar diante de uma situação estressante. Poderíamos nos perguntar: co-

mo reagimos quando somos contrariados? Sabemos romper o círculo da ação-reação? Hoje muitos reagem em vez de agir, em vez de dialogar com seus sentimentos.

Esse adolescente sofreu bullying sim, isso é verdade e isso é grave. Mas será que nossas escolas, nossos professores estão capacitados a ensinar nossos adolescentes a protegerem seus sentimentos, ensinando-os que não precisamos reagir cada vez que somos contrariados? Será que nós, em primeiro lugar, sabemos romper esse círculo vicioso de ação/reação? Sabemos que não precisamos reagir de forma bruta a cada estímulo ruim e que podemos proteger nossas emoções?

Precisamos urgentemente ajudar e educar nossos jovens a resistirem de forma positiva aos estímulos estressantes que os cercam. Saber resistir, fugir da tensão provocada pelos estímulos ruins é essencial e vital, para que novas tragédias como essa não aconteçam. Bullying é ruim. Bullying pode deixar marcas profundas. Bullying pode marcar a vida de uma pessoa. Mas educar e preparar nossas crianças, adolescentes e jovens a sobreviver nesse mundo estressante e conflito é essencial também.

É preciso abrir mais espaços de diálogo, onde esses adolescentes e jovens possam falar e libertar os fantasmas interiores. Assim estaremos ensinando que não é preciso reagir de forma bruta quando temos uma situação contrária. Afinal, como diz Maria Bethania na música "Brincar de viver", é "a arte de sorrir cada vez que o mundo diz não".

ALEXANDRE ALVES DOS ANJOS FILHO
é padre da Paróquia Santa Cruz,
Conjunto Luis de Sá, em Londrina

■ Os artigos devem conter dados do autor e ter no máximo 3.800 caracteres e no mínimo 1.500 caracteres. Os artigos publicados não refletem necessariamente a opinião do jornal. E-mail: opiniao@folhadelondrina.com.br

Fonte: Jornal Folha de Londrina 24/10/2017

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 24/10/2017

1) Após assistir e ler os textos, responda:

Textos	Texto 1: <i>Aluno atira em colegas dentro de escola em Goiânia, mata dois e fere quatro</i>	Texto 2: <i>Implicações jurídicas do bullying</i>	Texto 3: <i>O bullying e a capacidade de resiliência</i>
Onde foi publicado?			
Quando?			
Quem produz?			
Para quem?			
Qual linguagem? Formal ou informal			
Tempo verbal predominante?			
Qual a finalidade do texto?			
Tema?			

2) Assinale as alternativas verdadeiras. Qual é a diferença entre os três textos apresentados?

- () Nenhuma, todos os textos têm a finalidade de informar o leitor sobre o *bullying*.
- () Os textos 1 e 2 têm o objetivo principal de informar sobre fatos ocorridos na sociedade.
- () Os três textos tratam do tema *bullying*, porém com propósitos comunicativos diferentes.
- () O texto 2 tem o objetivo de apresentar a opinião da repórter sobre o fato ocorrido em Londrina.
- () O texto 3 tem o objetivo de apresentar uma situação problema da sociedade e opinar sobre como resolver essa situação.
- () Os textos 1 e 3 apresentam em seu desenvolvimento as respostas para as questões: O quê? Quem? Onde? Como? Enquanto que o texto 2 apresenta uma ideia (tese) e argumentos para comprovar e validar sua opinião.
- () O texto 1 e 2 apresentam em seu desenvolvimento as respostas para as questões: O quê? Quem? Onde? Como? Enquanto que o texto 3 apresenta uma ideia (tese) e argumentos para comprovar e validar sua opinião.

Dispositivo didático 4 – OFICINA 8: *A organização da carta-argumentativa do leitor*

Armas: perigo ou segurança?

Hoje muitas pessoas discutem a legalização das armas. Alguns dizem que possuir uma arma significa ter proteção; outros que isso pode gerar violência descontrolada e, conseqüentemente, perigo à população. Na minha opinião, as armas não deveriam ser legalizadas, pois todos poderiam ter contato com elas (antes de possuir uma arma legalizada é feita uma avaliação do possível portador, porém, no Brasil essas avaliações não acontecem corretamente). Além disso, a segurança da população deveria estar "nas mãos" do Estado. A solução não é legalizar as armas, e sim investir em segurança e na base das grandes potências mundiais: a educação.

ANDRÉ AKIRA MURAOKA (estudante) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 09/09/2017.

■ *As cartas devem ter no máximo 700 caracteres e vir acompanhadas de nome completo, RG, endereço, cidade, telefone e profissão ou ocupação. As opiniões poderão ser resumidas pelo jornal. E-mail: opiniao@folhadelondrina.com.br*

1) Vamos observar dados importantes do texto e responda:

- a. Qual é o título do texto?
- b. Quem é o autor? Qual a sua identificação?
- c. Onde e quando foi publicado?
- d. O jornal dá instruções de como deve ser o texto? O autor cumpriu as instruções?

2) Vamos agora, observar a organização (estrutura) do texto:

- a) Como o autor inicia a carta?
- b) Como desenvolve?
- c) Como finaliza?
- d) O texto apresenta uma contextualização (problema/premissa/polêmica)? Como?
- e) O autor posiciona-se sobre o assunto com sua opinião (ideia/tese)? Qual?
- f) Como o autor defende sua ideia (tese/opinião)?
- g) O autor conclui seu texto com uma proposta ou rearmando sua opinião (síntese)?

Dispositivo didático 5 – Oficina 9: *Defendendo uma ideia! Argumentar é preciso!*

- 1) Vamos retornar à carta-argumentativa do leitor “Armas: perigo ou segurança?” trabalhada na Oficina 8 e observar como o autor defendeu sua ideia:
- () O autor traz a fala de uma autoridade ou especialista em segurança comprovar sua ideia.
 - () O autor usa exemplo de fatos que ocorrem na sociedade e é do conhecimento de todos.
 - () O autor usa exemplos do que observa ou já observou na sua própria vida.
 - () O autor usa argumentos de causa ou consequência do problema que está discutindo.
 - () O autor usa argumentos de constatações e hipóteses que ele observa na sociedade.
 - () O autor traz a ideia de quem possivelmente é contra sua ideia (ponto de vista) e rebate (contra-argumento).

Sendo assim, é possível concluir que para defendermos nossas ideias (ponto de vista) utilizamos a argumentação (argumentos e contra-argumentos).

2) Vamos ver a tabela a seguir alguns tipos de argumentos:

TIPOS DE ARGUMENTOS	
1. Argumento de autoridade	No argumento de autoridade, o interlocutor é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão defendida a respeito de certos dados, pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área.
2. Argumento por evidência	No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão, justificando-a por meio de evidências de que ela se aplica aos dados considerados.
3. Argumento por comparação (analogia)	No argumento por comparação, o argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão com base em fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados
4. Argumento por exemplificação	No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão em exemplos representativos, os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la
5. Argumento de princípio	No argumento de princípio, a justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados, por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.
6. Argumento por causa e consequência	No argumento por causa e consequência, a tese, ou conclusão, é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados.
Fonte: Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Egon de Oliveira Rangel, Eliana Gagliardi, Heloisa Amaral]. São Paulo: Cenpec, 2010. – Coleção da Olimpíada.	

- 3) Agora, junte-se a um colega, leia a carta “Tecnologia”, da leitora Maria Eduarda C. Moller e responda:
- a) Qual é o problema discutido na carta?
 - b) Qual é o ponto de vista da autora da carta?
 - c) Quais argumentos e contra-argumentos apresentados?

Tecnologia

Hoje, a tecnologia interfere muito em nossas vidas. Algumas pessoas acreditam que isso tira a atenção dos jovens nos estudos, o que não deixa de ser verdade. Mas a tecnologia também ajuda muito no nosso dia a dia, pois podemos executar tarefas com uma facilidade muito maior, como pedir um táxi, comunicar-se com parentes distantes e até ligar um carro. Ações como essas podem ser realizadas com um simples aparelho de celular. Além disso, qualquer pessoa pode fazer uso da tecnologia. Minha avó, 64 anos, sabe mexer no seu celular melhor do eu e meu irmão com apenas 5 meses já jogava no Ipad. E pensar que alguns anos atrás nem existia celular! Na minha opinião, as tecnologias, de maneira geral, são modos de facilitar nossas vidas, mas se usada em excesso pode prejudicar. Por isso, é importante ter equilíbrio.

MARIA EDUARDA CARVALHO MOLLER (estudante) - Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 09/09/2017.

Dispositivo didático 6 – Oficina 10: *Contra-argumentar é preciso!*

7 argumentos a favor e contra a redução da maioridade penal

Um dos temas mais discutidos atualmente na política brasileira, as regras da maioridade penal estão em debate permanente. Uma [PEC](#) que diminui a idade mínima com que uma pessoa pode ir para a prisão em caso de crimes hediondos – ou seja, uma **redução da maioridade penal** – chegou a ser aprovada pela [Câmara](#) em 2015 e hoje aguarda apreciação pelo Senado Federal. Essa é uma discussão que tem se desenrolado ao longo de muitos anos e que envolve convicções muito enraizadas sobre responsabilidade individual e sobre a implementação de [políticas públicas](#) no país. Afinal, o que é melhor para o Brasil: manter a maioridade penal em 18 anos ou reduzi-la para 16 anos de idade? Para você poder formar uma opinião bem embasada, o Politize! vai te deixar por dentro desse debate, expondo argumentos de quem é contra e a favor de reduzir a maioridade.

Por que argumentam a favor?	Por que argumentam contra?
<p>- Porque adolescentes de 16 e 17 anos já têm discernimento o suficiente para responder por seus atos. Esse argumento pode aparecer de formas diferentes. Algumas apontam, por exemplo, que jovens de 16 anos já podem votar, então por que não poderiam responder criminalmente, como qualquer adulto? Ele se pauta na crença de que adolescentes já possuem a mesma responsabilidade pelos seus próprios atos que os adultos.</p> <p>- Porque a maior parte da população é a favor. O Datafolha divulgou recentemente pesquisa em que 87% dos entrevistados afirmaram ser a favor da redução da maioridade penal. Apesar de que a visão da maioria não é necessariamente a visão correta, é sempre importante considerar a opinião popular em temas que afetam o cotidiano.</p> <p>- Com a consciência de que não podem ser presos, adolescentes sentem maior liberdade para cometer crimes. Pode ter sido o caso do garoto que matou um jovem na véspera de seu aniversário de 18 anos. Prender jovens de 16 e 17 anos evitaria muitos crimes.</p> <p>- Muitos países desenvolvidos adotam maioridade penal abaixo de 18 anos. Nos Estados Unidos, a maioria dos estados submetem jovens a processos criminais como adultos a partir dos 12 anos de idade. Outros exemplos: na Nova Zelândia, a maioridade começa aos 17 anos; na Escócia aos 16; na Suíça, aos 15.</p> <p>- As medidas do Estatuto da Criança e do</p>	<p>- Porque é mais eficiente educar do que punir. Educação de qualidade é uma ferramenta muito mais eficiente para resolver o problema da criminalidade entre os jovens do que o investimento em mais prisões para esses mesmos jovens. O problema de criminalidade entre menores só irá ser resolvido de forma efetiva quando o problema da educação for superado.</p> <p>- Porque o sistema prisional brasileiro não contribui para a reinserção dos jovens na sociedade. O índice de reincidência nas prisões brasileiras é relativamente alto. Não há estrutura para recuperar os presidiários. Por isso, é provável que os jovens saiam de lá mais perigosos do que quando entraram.</p> <p>- Prender menores agravaria ainda mais a crise do sistema prisional. Com mais de 600 mil presos ocupando algo como 350 mil vagas, a superlotação dos presídios aumentaria ainda mais com a inclusão de condenados entre 16 e 18 anos.</p> <p>- Porque crianças e adolescentes estão em um patamar de desenvolvimento psicológico diferente dos adultos. Diversas entidades de Psicologia posicionaram-se contra a redução, por entender que a adolescência é uma fase de transição e maturação do indivíduo e que, por isso, indivíduos nessa fase da vida devem ser protegidos por meio de políticas de promoção de saúde, educação e lazer.</p> <p>- A redução da maioridade penal afetaria principalmente jovens em condições sociais vulneráveis. A tendência é que jovens negros,</p>

<p>Adolescente (ECA) são insuficientes. O ECA prevê punição máxima de três anos de internação para todos os menores infratores, mesmo aqueles que tenham cometido crimes hediondos. A falta de uma punição mais severa para esses casos causa indignação em parte da população.</p> <p>- Menores infratores chegam aos 18 anos sem ser considerados reincidentes. Como não podem ser condenados como os adultos, os menores infratores ficam com a ficha limpa quando atingem a maioridade, o que é visto como uma falha do sistema.</p> <p>- A redução da maioridade penal diminuiria o aliciamento de menores para o tráfico de drogas. Hoje em dia, como são inimputáveis, os menores são atraídos para o mundo do tráfico para fazer serviços e cometer delitos a partir do comando de criminosos. Sem a maioridade penal, o aliciamento de menores perde o sentido.</p>	<p>pobres e moradores das periferias das grandes cidades brasileiras sejam afetados pela redução. Esse já é o perfil predominante dos presos no Brasil.</p> <p>- Tendência mundial é de maioridade penal aos 18 anos. Apesar de que muitos países adotam idades menores para que jovens respondam criminalmente, estes são minoria: estudo da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados revela que, de um total 57 países analisados, 61% deles estabelecem a maioridade penal aos 18 anos.</p> <p>- A Constituição preferiu proteger os menores de 18 anos da prisão – e isso não poderia ser mudado. O artigo 228 da Constituição diz que os menores de 18 anos são penalmente inimputáveis, ou seja, não podem ser condenados a prisão como os adultos. Existe um debate se esse dispositivo seria ou não cláusula pétrea – trecho da Constituição que não pode ser mexido.</p>
<p>Bruno André Blume - Bacharel em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e editor de conteúdo do portal Politize! http://www.politize.com.br/reducao-da-maioridade-penal-argumentos/ Acesso em 02/10/2017</p>	

Caro aluno,

- 1) Seu grupo irá posicionar-se contra ou favorável à redução da maioridade penal. Para defender seu ponto de vista, deverão selecionar três argumentos usados por quem é contrário ao seu ponto de vista e construir contra-argumentos para rebatê-los.
- 2) Em seguida faremos o registro em uma cartolina/papel cartaz para exposição e comentários na sala.

Dispositivo didático 7 – Oficina 11: *Hora da pesquisa!*

Conforme conversamos, você está inserido num projeto para a produção de uma carta do leitor em que irá posicionar-se sobre o tema *bullying*. Para combater o *bullying* é necessário aumentar as punições para quem pratica o *bullying* ou é necessário aumentar a conscientização?

Para isso, conforme já vimos nas oficinas anteriores, para defender seu ponto de vista, ter bons argumentos e contra-argumentos é muito importante.

Nesse sentido, uma boa pesquisa poderá ajudá-lo. Sendo assim, Leia os textos a seguir, e elabore no mínimo 2 argumentos ou contra-argumentos que poderá ajudá-lo a defender seu ponto de vista.

Você deverá entregar sua atividade com nome, número, série e data.

OBS: Você também pode utilizar-se de informações trazidas nas oficinas anteriores.

Texto 1

"Certeza da punição inibirá o bullying", diz promotor

Promotoria de SP quer criminalizar o bullying; proposta causa polêmica, levanta debate e entrega do texto final é adiada

Marina Morena Costa, iG São Paulo | 06/05/2011 14:24:42

Tornar o bullying um crime, com pena de um a quatro anos de reclusão, irá diminuir a prática nas escolas brasileiras. Esta é a aposta da Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude da cidade de São Paulo, que sugere a inclusão do bullying entre os crimes contra a honra, no Código Penal.

A proposta de criminalização causou polêmica entre educadores e pesquisadores, que defendem que os atos de agressão física ou psicológica sejam tratados e resolvidos dentro das escolas. Foram tantas sugestões e propostas de alteração apresentadas pela sociedade civil e por outros promotores que o secretário executivo e autor do texto base do anteprojeto de lei, Mario Augusto Bruno Neto, adiou a redação final, prevista para esta sexta-feira.

O documento, elaborado por um grupo de 12 promotores, deve ser concluído e encaminhado ao procurador-geral de Justiça, Fernando Grella, somente no dia 3 de junho. Na sequência, Grella submeterá o texto a um deputado federal para que seja apresentado e votado como projeto de lei no Congresso Nacional.

Bruno Neto afirma que a sugestão da Promotoria de criminalizar o bullying foi motivada pelo aumento de casos e pela gravidade das denúncias recebidas nos últimos quatro anos. Casos como o suicídio de uma estudante de Sorocaba (SP) vítima de bullying e uma agressão com substância química em uma escola particular de São Paulo chamaram a atenção da Promotoria para o problema. "A certeza da punição intimida e inibe a criminalidade. Falta uma lei federal que tipifique este crime", defende o promotor.

O projeto prevê pena que pode chegar a até 5 anos e 4 meses, caso o bullying seja cometido na

internet ou em qualquer mídia (agravante de 1 ano e 4 meses). Apesar disso, a Promotoria afirma que o objetivo não é a repressão. Como a pena aplicada é considerada leve, o juiz pode substituí-la por medidas alternativas que não a internação em unidades para menores – os infratores serão na maioria crianças e adolescentes.

“O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) prevê diversas punições alternativas que vão desde uma advertência à liberdade assistida, com acompanhamento psico-pedagógico de 15 em 15 dias”, destaca o promotor Thales Cezar de Oliveira, também responsável pela sugestão da criminalização.

Educadores contrários

Os promotores apresentaram na última terça-feira (3) a proposta de criminalização a uma plateia de educadores durante o I Simpósio Brasileiro sobre Bullying, realizado no Colégio São Luis, em São Paulo. Reticentes, os participantes se mostraram contrários a ideia.

A pedagoga Cléo Fante, autora de livros sobre bullying, é contra o projeto da Promotoria. A pesquisadora avalia que a “imensa maioria” dos casos deve ser resolvida dentro da escola. “Devemos instrumentalizar nossas crianças e adolescentes para que eles não pratiquem o bullying. É preciso ensinar o convívio pacífico e a respeitar as diferenças”, defende.

A psicanalista Sonia Makaron concorda. “Optar pela criminalização enfraquece o fator educação”, afirma. Sonia defende a implantação de políticas públicas que estimulem as escolas a discutir e a trabalhar o bullying. “Precisamos ampliar o conhecimento e o entendimento do problema.”

Os promotores enfatizam que a criminalização não é a solução. Defendem que para resolvê-lo é preciso qualificar professores e gestores escolares para identificar o bullying e saber como tratá-lo.

Para Oliveira, assumir a existência da prática é fundamental. Segundo o promotor, há escolas que não admitem o problema e dificultam a ação do Ministério Público. “As escolas não podem lavar as mãos”, concorda Sonia.

Denúncias

O Ministério Público de São Paulo recebe denúncias de bullying na Promotoria da Infância e da Juventude. Em março deste ano, foi publicada uma portaria que criou uma comissão especial para investigar os casos. Os estabelecimentos de ensino devem encaminhar à Promotoria um relato do caso com as indicações das vítimas e testemunhas para que o MP apure e ouça as partes envolvidas.

Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/certeza-da-punicao-inibira-o-bullying-diz-promotor/n1300154495710.html>> Acesso em 01 set. 2017.

Texto 2:



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA

Luiz

Nilma Lino Gomes

Cláudio

ROUSSEFF

Costa

Este texto não substitui o publicado no DOU de 9.11.2015

Dispositivo didático 8 – Oficina 12: *Articulando as ideias*

Um texto não é simplesmente um amontoado de palavras e frases, para ter sentido ele precisa apresentar articulação e sequência de ideias (coesão). Para isso, o autor pode fazer uso de palavras e expressões de ligação, organização, sequenciação que cumprem um papel decisivo na construção da coerência e coesão textual.

- 1) Vamos voltar às cartas do leitor que estudamos e observar algumas palavras/expressões que estão conectando as ideias do texto.

TEXTO 1

'Ladrão e vacilão'

Vamos falar daquele adolescente que teve carimbado em sua testa “Ladrão e vacilão”. **Pois bem**, 17 anos, dependente químico, pobre, mora na periferia pobre e possui transtornos mentais, **segundo** familiares e amigos. Você ainda não mudou sua opinião sobre isso? **Pois** bem, o Brasil está em estado de calamidade não declarado, todos sabemos, somos roubados de cima até embaixo, legalmente e ilegalmente e, ultimamente, a sociedade anda bem calada, convenhamos. Passou a histeria ou cansamos? Bom, **mas** o que tem isso? A diferença é que não tatuamos na cara desses marginais engravatados **pois**, justamente, estão engravatados, são elegantes, têm pompa **e** não são aquele pobre menino vítima de uma doença chamada vício, mal vestido **e**, talvez, fétido que perambula pelas ruas à procura de algo que o faça aliviar aquela dor da abstinência. É fácil dizer: “Então, leva ele para casa!” **ou** “Nossa justiça não funciona! Olho por olho, dente por dente”. Não, não levo ele para casa, **pois** essa responsabilidade não é só minha, é desse Estado falido, é dos pais negligentes, é da sociedade da exclusão! **Mas** uma coisa lhes digo, **se** meu filho de 17 anos fosse quimicamente dependente e roubasse um item seja lá de quem for e fizessem o que fizeram com esse adolescente, sem dúvida, os faria pagar legalmente, cada marca permanente que deixaram no meu filho. Aos Bolsonaroístas dessa cidade, mais amor por favor! Olhar para dentro de casa **e** de si é um treino diário.

RAFAEL ANTONIO OTAVIANO (servidor público) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 17/06/2017.

TEXTO 2**Armas: perigo ou segurança?**

Hoje muitas pessoas discutem a legalização das armas. Alguns dizem que possuir uma arma significa ter proteção; outros que isso pode gerar violência descontrolada e, conseqüentemente, perigo à população. Na minha opinião, as armas não deveriam ser legalizadas, pois todos poderiam ter contato com elas (antes de possuir uma arma legalizada é feita uma avaliação do possível portador, porém, no Brasil essas avaliações não acontecem corretamente). Além disso, a segurança da população deveria estar "nas mãos" do Estado. A solução não é legalizar as armas, e sim investir em segurança e na base das grandes potências mundiais: a educação.

ANDRÉ AKIRA MURAOKA (estudante) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 09/09/2017.

TEXTO 3**Tecnologia**

Hoje, a tecnologia interfere muito em nossas vidas. Algumas pessoas acreditam que isso tira a atenção dos jovens nos estudos, o que não deixa de ser verdade. Mas a tecnologia também ajuda muito no nosso dia a dia, pois podemos executar tarefas com uma facilidade muito maior, como pedir um táxi, comunicar-se com parentes distantes e até ligar um carro. Ações como essas podem ser realizadas com um simples aparelho de celular. Além disso, qualquer pessoa pode fazer uso da tecnologia. Minha avó, 64 anos, sabe mexer no seu celular melhor do eu e meu irmão com apenas 5 meses já jogava no Ipad. E pensar que alguns anos atrás nem existia celular! Na minha opinião, as tecnologias, de maneira geral, são modos de facilitar nossas vidas, mas se usada em excesso pode prejudicar. Por isso, é importante ter equilíbrio.

MARIA EDUARDA CARVALHO MOLLER (estudante) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 09/09/2017.

- 2) As palavras encontradas são o que chamamos de **conectivos ou operadores argumentativos**. No texto eles podem estabelecer diversas relações: adição, oposição, condição, proporção, tempo, causa e consequência, conclusão, comparação, explicação, alternância, conformidade. Quais as ideias estabelecidas pelos conectivos acima? Faça um quadro no seu caderno.
- 3) Agora, leia a carta-argumentativa do leitor a seguir, nela estão faltando algumas palavras, ou seja conectivos, que estão no quadro abaixo. Analise com atenção o texto e coloque os conectivos em seus devidos lugares:

além disso – também – apesar de – bem como – assim como

TEXTO 4**Mundo virtual**

A internet é um meio de comunicação que facilita a vida das pessoas. Ela permite a comunicação global, agiliza a busca por informações, melhora a diversidade nas relações profissionais e pessoais. É um centro de entretenimento que abrange a liberdade na discussão de assuntos e supera a distância entre as pessoas. _____ seus pontos altos, não significa que a internet não traga problemas aos seus usuários. Nem todas as informações coletadas possuem fonte segura. O usuário pode acreditar em fontes que não são corretas e/ou confiáveis; podem aparecer vírus destrutivos, nocivos aos computadores e contas pessoais. _____, não há dúvidas de que a facilidade em se obter informações torna o usuário ocioso, restringindo seu conhecimento ao mundo virtual, deixando de lado pesquisas em outros meios e fontes (jornais, livros, enciclopédias, revistas etc). Há _____ o risco de ocorrer abusos sexuais, pornografia infantil e adulta, inexistindo restrição de acesso a tais sites, _____ ocorrer roubo de informações e dados pessoais, _____ crimes virtuais, muitas vezes, praticados através de perfis falsos. A internet deve ser usada com bastante cautela para que traga ao usuário mais vantagens do que desvantagens.

ISABELA PICARELLI CORDIOLI (estudante) – Londrina

Fonte: Jornal *Folha de Londrina*, 21/08/2017.

- 4) Conclua: Qual a importância dos conectivos/ operadores argumentativos na construção carta-argumentativa do leitor “Mundo virtual”?

Dispositivo didático 9 – Oficina 13: *Revisão coletiva*

Após o estudo da Carta-argumentativa do leitor, vamos, agora, ler e revisar algumas cartas do leitor de acordo com os critérios da Grade de Revisão abaixo.

Grade de Revisão Coletiva – Carta-argumentativa do leitor

Q	Crítérios para a revisão	Avaliação: Carta do leitor 1	Observação: Carta do leitor 1	Avaliação: Carta do leitor 2	Observação: Carta do leitor 2
1	O texto apresenta título que chama a atenção do leitor?	() Sim () Não		() Sim () Não	
2	O texto apresenta uma contextualização?	() Sim () Não		() Sim () Não	
3	O autor apresenta a polêmica?	() Sim () Não		() Sim () Não	
4	O autor apresenta seu ponto de vista? (Implícito ou explícito?)	() Sim () Não		() Sim () Não	
5	O autor apresenta argumentos fortes para convencer seu leitor do ponto de vista?	() Sim () Não		() Sim () Não	
6	O autor apresenta contra-argumentos para debater com um possível leitor que discorde de seu ponto de vista?	() Sim () Não		() Sim () Não	
7	O autor conclui seu texto? (Com síntese ou proposta?)	() Sim () Não		() Sim () Não	
9	O autor apresenta sua identificação?	() Sim () Não		() Sim () Não	
10	A carta está construída em um parágrafo?	() Sim () Não		() Sim () Não	
10	O autor utiliza conectivos para dar mais clareza ao seu texto?	() Sim () Não		() Sim () Não	
11	O texto está correto quanto à pontuação e acentuação adequada?	() Sim () Não		() Sim () Não	
12	A linguagem usada na carta é formal ou informal?	() formal () informal		() formal () informal	
13	O autor quando utiliza gírias ou expressões do dia a dia faz uso de aspas?	() Sim () Não		() Sim () Não	
14	A carta, de um modo geral, está adequada ao destinatário?	() Sim () Não		() Sim () Não	
15	É preciso inserir algo no texto?	() Sim () Não		() Sim () Não	
16	É preciso excluir algo do texto?	() Sim () Não		() Sim () Não	

Dispositivo didático 10 – Oficina 14: *Revisão individual*

Agora é a vez de ler e revisar o seu texto. Para tanto, de acordo com os critérios da Grade de Revisão abaixo pontue o que for necessário.

Grade de Revisão Individual – Carta-argumentativa do leitor

Q	Critérios para a revisão	Avaliação da sua Carta do leitor argumentativa	Observação
1	Seu texto apresenta título que chama a atenção do leitor?	() Sim () Não	
2	Seu texto apresenta uma contextualização?	() Sim () Não	
3	Você apresentou a polêmica?	() Sim () Não	
4	Você apresentou seu ponto de vista? (Implícito ou explícito?)	() Sim () Não	
5	Você apresentou argumentos fortes para convencer seu leitor do ponto de vista?	() Sim () Não	
6	Você apresentou contra-argumentos para debater com um possível leitor que discorde de seu ponto de vista?	() Sim () Não	
7	Você concluiu seu texto? (Com síntese ou proposta?)	() Sim () Não	
9	Você apresentou sua identificação?	() Sim () Não	
10	Sua carta está construída em um parágrafo?	() Sim () Não	
10	Você utilizou conectivos para dar mais clareza ao seu texto?	() Sim () Não	
11	O texto está correto quanto à pontuação e acentuação adequada?	() Sim () Não	
12	A linguagem da carta é formal ou informal?	() formal () informal	
13	Você utilizou gírias ou expressões do dia a dia? Fez uso de aspas?	() Sim () Não	
14	Sua carta, de um modo geral, está adequada ao destinatário?	() Sim () Não	
15	É preciso inserir algo no texto?	() Sim () Não	
16	É preciso excluir algo do texto?	() Sim () Não	

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. *Raído*, Dourados/MS, v. 6, p. 11-35, 2012.

BARROS, Eliana Merlin D. de Barros; MAFRA, Gabriela Martins. A correção textual do professor como instrumento de ensino e aprendizagem na metodologia das sequências didáticas de gêneros. *(Con)textos Linguísticos*, Vitória/ES, v.10, n.17, p. 46-68, 2016.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, Angela Paiva et. al. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de Linguagens, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CHEVALLARD, Yves. *On didactic transposition theory: some introductory notes*. 1989. Disponível em: <http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/rubrique.php3?id_rubrique=6>. Acesso em: 17 jan. 2011.

COELHO, Simone Silva Bedin; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. O gênero discursivo na sala de aula: uma experiência com a carta do leitor. *Travessias* (UNIOESTE. Online), v. 09, p. 312-332, 2015. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/11749>>. Acesso em 20 set. 2017.

COSTA, S. D. da. Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O Dia. In: *Soletras – Revista do Departamento de Letras da UERJ*, n.10, 2005, p. 28-41. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4549/3325>>. Acesso em 10 abr. 2017.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 35-60.

FONTANINI, Ingrid. *Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica*. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP. Edusc, 2002.

KINDERMANN. Conceição Aparecida. *Linguagem em ação: O gênero "reportagem" e o ensino de Língua Portuguesa*. In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti; STORTO, Leticia Jovelina. *Gêneros do jornal e ensino: Práticas de letramentos na contemporaneidade*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 39-65.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete M. Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAFRA, Gabriela Martins; BARROS, Eliana Merlin D. de. *Revisão coletiva, correção do professor e autoavaliação: atividades mediadoras da aprendizagem da escrita*. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v.06, n. 01, p. 33-62, jan./jun. 2017.

MEDEIROS, Aline. *Carta do Leitor*. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (Org.). *Nos domínios dos Gêneros textuais*, v.2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *"Cartas a redação": uma abordagem discursiva*. Campinas, SP: 1999. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/268893>>. Acesso em 20 jul. 2017.

MELLO, Vera Helena Dentee. *Trabalhando com a gramática no gênero textual carta do leitor: uma abordagem enunciativa*. In: IV SIGET - Simpósio Nacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2007, Tubarão. *Anais...* Tubarão/SC: UNISUL, 2007. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/131.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de; ZANUTTO, Flávia. *Gêneros do jornal em contexto de vestibular: condições de produção para notícia, artigo de opinião e carta do leitor*. In: BARROS; Eliana Merlin Deganutti de; STORTO, Leticia Jovelina (Org.). *Gêneros do jornal e ensino: práticas de letramento na contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa*, 2008.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola: uma proposta textual interativa*. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo. *Outras vozes pela cidadania: aspectos da interação leitor/publicação no espaço de cartas do leitor*. In: Intercom 2005 - XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Intercom 2005 – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. 3.ed. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos. *As proezas das crianças em textos de opinião*. 1ª ed., Campinas, Mercado de Letras, 2003.